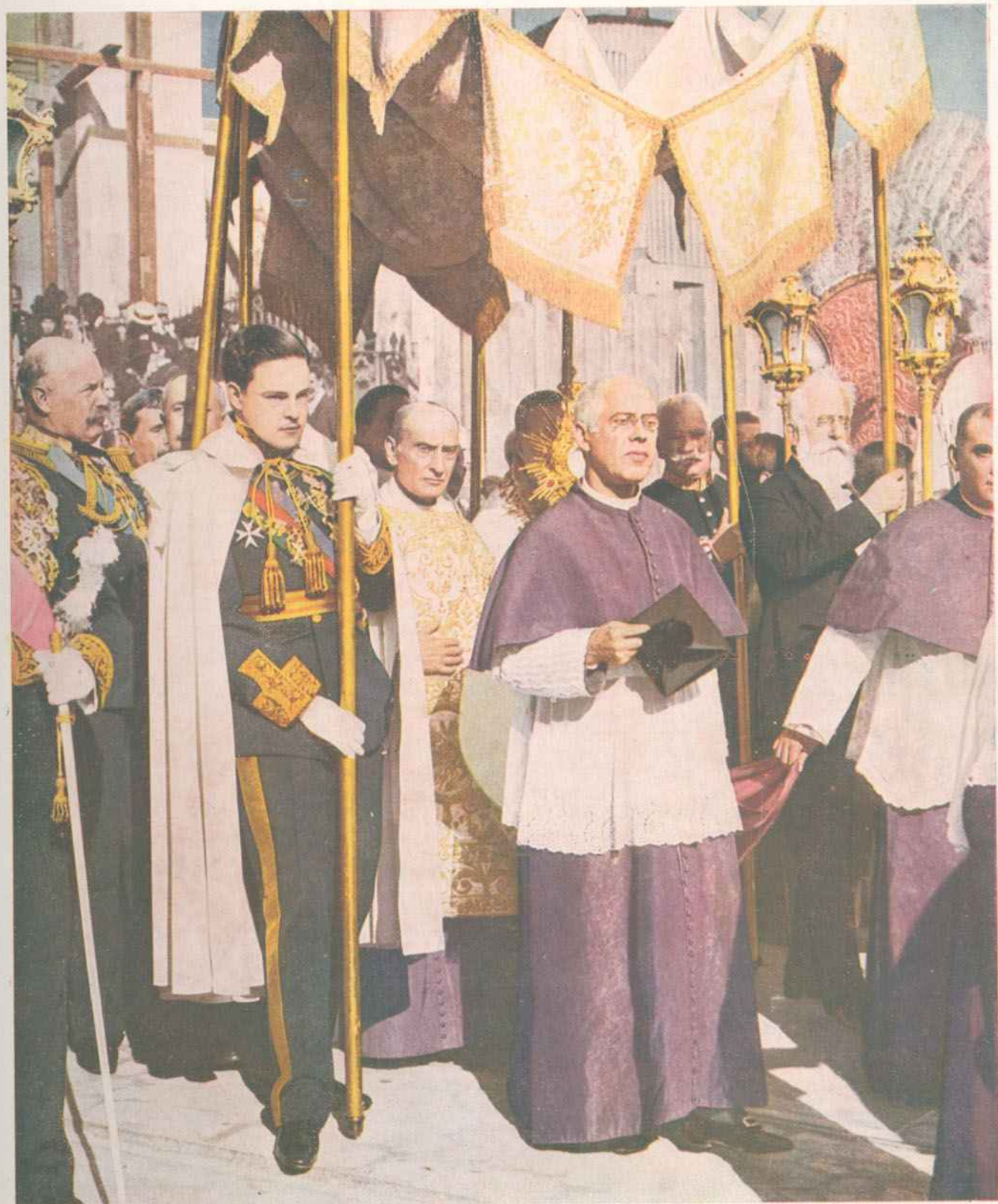
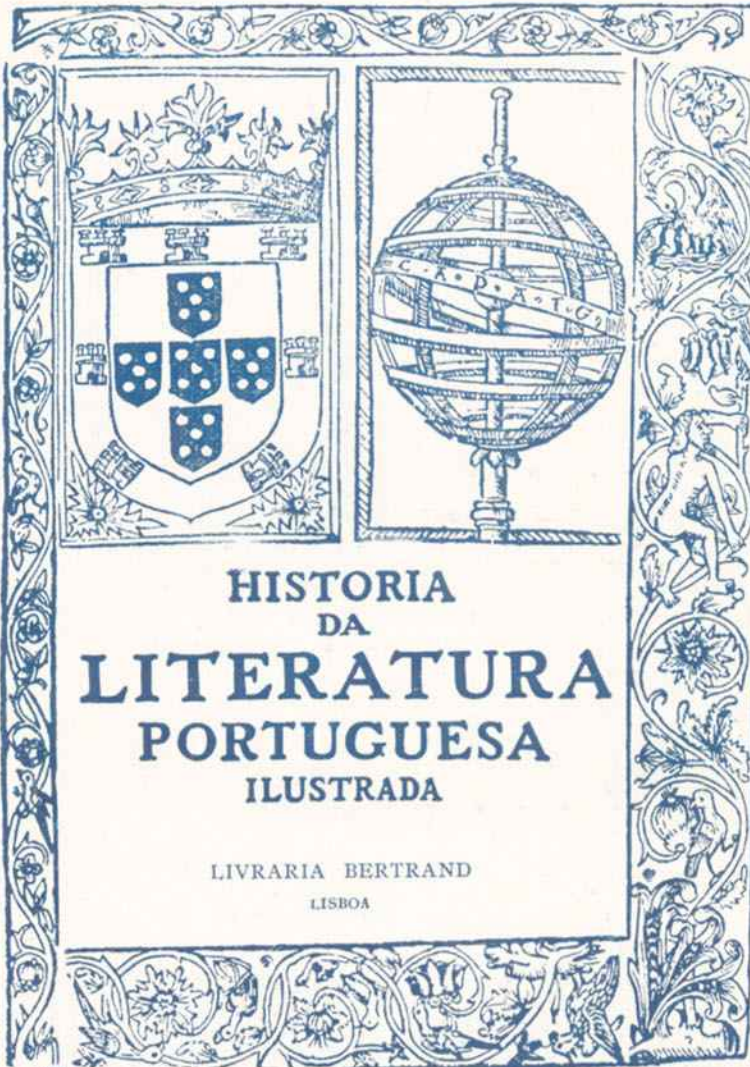


ILUSTRAÇÃO



D. MANUEL DE BRAGANÇA, NA PROCESSÃO DE «CORPUS-CHRISTI», EM 1909, PEGANDO A UMA DAS VARAS DO PÁLIO, VENDO-SE A SEGURAR OUTRA, O SR. ANSELMO BRAAMCAMP FREIRE, VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL REPUBLICANA, O QUE LHE COMPETIA POR HONRA DO SEU CARGO. ATRÁS DO EX-REI, SEGUIA O INFANTE D. AFONSO, CONDE DE SÁBGOÇA E CONSELHEIRO WENCESLAU LIMA, PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS

(Foto Benollet)



**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

A sair brevemente o XXXVI tomo

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	30\$00	59\$00	118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	36\$00	79\$00	138\$00
ESTRANGEIRO	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- RONSO LOPES VIEIRA, escritor.
RONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
GORTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
GORTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
ARITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
BENTÃO AIBES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
ORLHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoensanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOSES BENBARAT AMELACE, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO CORREIO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIROZ VILOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RECARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32x25)

**EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS**

CONTERRÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais **HORS TEXTE**, a côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00



Em viagem...

Os lugares que se visitam... os costumes originais... os monumentos célebres... as paisagens encantadoras... fascinadores assuntos para um «Kodak», que incansavelmente registará todos os pormenores de viagem.

V. Ex.^a necessita também um «Kodak». Quando o fôr escolher, examine o novo «Kodak» Six-20 — uma maravilha de bom gosto, eficiencia fotográfica e facilidade de manejo. V. Ex.^a poderá adquirir desde 400\$00, a pronto, ou em pequenas mensalidades, pelo Sistema «Kodak» de Pagamentos por Aluguel, um

“Kodak” Six-20

Para fotografias a qualquer hora... com qualquer tempo... carregue o seu «Kodak» com Pelicula «Verichrome» — a super-pelicula «Kodak» de rapidez excepcional, que agora é fornecida, nos formatos 6×9 e 6 1/2×11 cm. com 8 exposições pelo anterior preço de 6



KODAK LTD. — Rua Garrett, 33 — LISBOA

UM DELICIOSO LIVRO PARA AS CRIANÇAS



O Pretinho de Angola

Original de CÉSAR DE FRIAS

Movimentada e educativa historieta, dividida em sete capítulos, com ilustrações sugestivas de ILBERINO DOS SANTOS

Algumas opiniões da crítica a respeito deste livro:

«O apreciado autor de *Ao sópro da Vida*, *Nossa Senhora Eva*, *As grandes nipeias*, *Biblioteca das Noivas*, *Almas em flôr*, etc., espírito votado ao culto da mais sã literatura e que é um dos mais brilhantes estilistas da literatura de hoje, venceu ao escrever a novela infantil.»

(Da revista *Portugal Feminino*)

«César de Frias, poeta e romancista, crítico e erudito, soube escrever páginas adoráveis para os pequeninos...»

(Do *Diário de Notícias*)

«Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias.»

(Das *Novidades*)

PREÇO: 5\$00

A' venda na filial do "Diário de Notícias"

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11—LISBOA

e em todas as livrarias

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

Acaba de aparecer

"O Tesouro da Casa Amarela"

Por D. FERNANDA DE CASTRO

Formoso livro de 132 páginas, em que a autora faz esplêndido teatro infantil

- | | |
|--|---------------------------------|
| 1.º — <i>O Tesouro da Casa Amarela</i> | 3.º — <i>O Az dos Caçadores</i> |
| 2.º — <i>As Borbuletas e o Bicho de Seda</i> | 4.º — <i>A Recompensa</i> |
| 5.º — <i>O Estrangeiro e o Portuguesinho</i> | |

PREÇO: 5\$00

À venda na filial do "Diário de Notícias"

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

e em todas as livrarias

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL



Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CARBO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, **Pulverizações**, etc. — — — — —

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.** — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

INTERESSANTISSIMO LIVRO DO POPULAR
AZ DO CINEMA

1 volume de 250 páginas brochado **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

BIBLIA DA VIDA

Tesoiro do pensamento humano

COLLECCÃO DE 10.000 MÁXIMAS, PENSAMENTOS
E SENTENÇAS COLHIDAS NAS OBRAS DOS ME-
LHORES AUTORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Por **Morais Leal**

446 assuntos — 1361 autores — Por ordem alfabética

Este livro, que se apresenta despido de pretensões, procura preencher apenas uma lacuna que, no nosso meio literário, era há muito sentida.

Em todas as línguas cultas existem obras similares, e o apreço em que o público as tem, pode avaliar-se facilmente pelo número das edições, que rapidamente se esgotam, dando lugar a outras sucessivas e sempre melhoradas. Poderíamos citar dezenas de títulos dos livros no género do nosso, que figuram nos catálogos das melhores livrarias estrangeiras, se o nosso intuito fôsse reforçar, por uma curiosa e bem organizada resenha bibliográfica, o que afirmamos e supomos inútil comprovar, sabido como é de todos os que acompanham dia a dia o movimento editorial dos centros de maior expansão literária.

Na BIBLIA DA VIDA, a selecção dos pensamentos, máximas e sentenças colhidas dos melhores autores antigos e modernos foi feita com o maior escrupulo, observando-se nela o conselho de Thomereau: *a pensamento de três linhas, que não deixar no espirito a impressão de que poderia consagrar-se-lhe um capítulo, carece de valor.*

Obra preciosa para todos os que fazem da pena profissão, julgamo-la também interessantissima para os que apreciam as boas letras, e tão digna de enfileirar na estante dos eruditos ao lado dos melhores clássicos, como numa escolhida biblioteca feminina a par dos livros que mais encantam o espirito da mulher.

Com este livro o menos culto brilha nas suas conversações

1 GR. VOL. DE 529 PÁGS. ELEGANTEMENTE
ENC. 17\$00; BR. 12\$00

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

VOCABULARIO

DE

TERMOS TECNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

Pedidos à **Livraria BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Fóra com as dôres!

CAFIASPIRINA

livra de dôres
e restabelece
o bem estar.



Logo que sinto qual-quer dôr, costumo tomar este grande remédio. Os comprimidos desfazem-se instantaneamente em meio copo de agua, resultando assim um efeito mais intenso e mais rapido.

Não prejudica o coração nem os rins!

ROBBIALAC

ESMALTE DE SECA RAPIDA

Mobilia De Verga E De Jardim

As cadeiras e as mesas em verga, especialmente quando usadas nos jardins ou varandas, deterioram-se muito facilmente desde que não estejam bem protegidas.

Esta proteção é porem facilima de obter cobrindo estes moveis com uma demão de ROBBIALAC DE SECA RAPIDA, pois este Esmalte escorre como um creme e os vestigios da trincha desaparecem à medida que se vae pintando.

Quando V. Exa estiver a trabalhar sobre moveis de jardim não perca a oportunidade de empregar os tons mais alegres e brilhantes do ROBBIALAC.

O ROBBIALAC seca rapidamente, é um Esmalte à prova da agua e do tempo, não estala, não empola, não greta.

É fornecido pelo seu droguista em branco, preto e varias lindas côres.



SOCIEDADE ROBBIALAC
LIMITADA,

Rua Novado Carvalho,
15, 1.º LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR

ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas
Esc. 25\$00

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Desinfecte e perfu-
me a sua casa com

N' venda em todas as boas drogarias

Sapoforme

Exemplares da

Ilustração n.º 96

Compram-se na administração desta Revista

Rua Anchieta, 31, 1.º



BEBER SAUDE!...

É durante a epoca dos grandes calôres que as digestões se fazem com mais dificuldade. Previnam-se V. Exas. contra as enxaquecas, azia, dilatação do estomago, etc., tomando saes de fructo "Eno".

"Eno", é um pó efervescente, levemente laxative, que regularisa as funções do estomago, do figado e dos intestinos. Adicionando-se-lhe um pouco de limão torna-se num refresco ideal, agradável e salutar.

Beber "Eno", é beber saude, é beber alegria! Sessenta anos de sucesso garantem a sua eficácia.

Uma colher, das do café, num copo de agua, pela manhã e à noite.

SAL DE FRUCTA ENO FRUIT SALT

Depositarios em Portugal: **Robinson, Bardsley & Co., Ltd.**
R.º 1 8, Caes do Sodré, LISBOA.

D. Manuel de Bragança

DE tal modo os corações se encheram de ódio que nenhum espaço livre ficou à piedade para movê-los a contemplar a grandeza do seu infortúnio.

Chacinados o pai e o irmão numa montaria, vestem-lhe a pele do lobo e obrigam-no a avançar para o fôjo, onde corra perigo de vida. E ninguém se condeou da sorte mísera que o destino lhe impusera. Só as mulheres, porque o viam moço e belo, o aplaudiam, talvez

iludindo o mais íntimo desejo, que seria beijá-lo e adorá-lo. Os homens receberam-no sem carinho, indiferentes à graça da sua juventude, por a considerarem inoportuna nos negócios confiados a seu julgamento.

Com vontade de ser o que não foi, de realizar o que não conseguiu, por falta do indispensável auxílio, viveu

dois anos estereis para si e para a gente a quem pretendeu servir. Nem pessoal dextro, bem intencionado, nem ambiente propício à eclosão de uma obra, encontrou em torno de si. E a paz que ambitionava não regressou, nem a concórdia apareceu a unir os portugueses. Pelo contrário, a guerra ateou-se, o ódio aumentou e, no fim de trinta e dois meses de ansiedade, partiu, sem ter obtido en-

sejo de mostrar o seu préstimo. Não foi rei porque não lho consentiram nem lhe deram tempo de apresentar as suas provas. Sentou-se no trono como uma incógnita, ainda incógnita desceu dêle forçado a abandoná-lo.

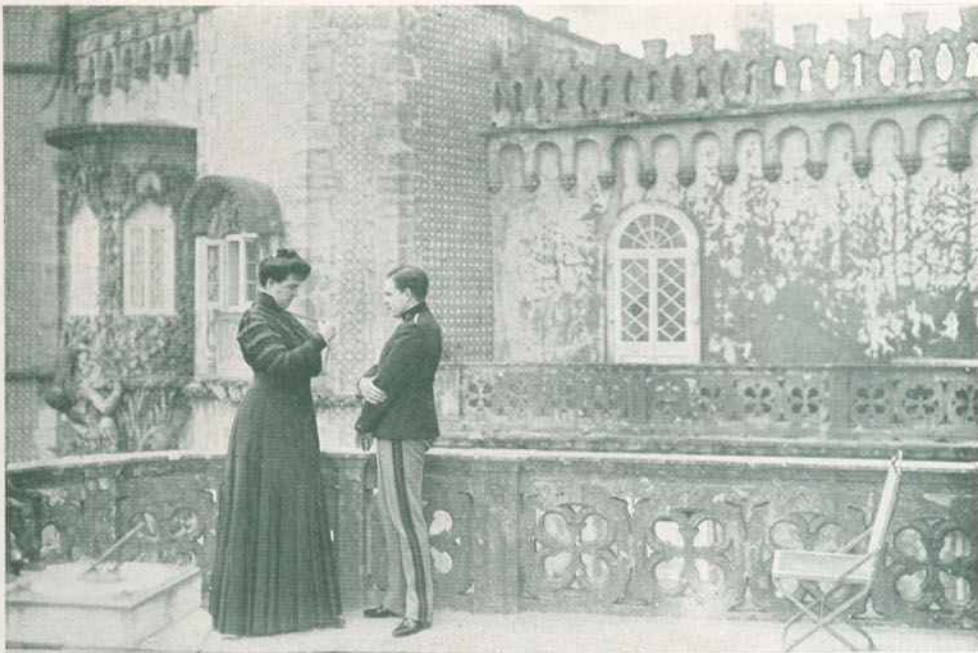
Em trinta e dois meses não se faz um homem. Na vida da nação passou como meteoro fugidio a que não chega a avaliar-se o brilho. Por isso ao desterrar-se, afora os do seu convívio, que lhe expe-

colhendo talvez o ressaibo, mais adiante pressentido em muitos dos seus actos. Os que depois se juntaram em chusma fizeram-no desconfiar de que menos seriam os levados por fé, convicção, doutrina, mais os quesilentos, discordantes, affectos ao geito de brigar.

Se êste não foi o seu íntimo pensar, muito bem o fez supôr no parco entusiasmo sempre manifestado pelas tentativas restauradoras.

Agora que a público vieram ditos e escritos, destinados a esclarecer atitudes, a definir uma moral e um carácter, melhor se vê que o juízo, tantas vezes formulado, batia próximo das realidades.

O último rei de Portugal, ao deixar de sê-lo, não levava gôsto pelo cargo nem o desejo de que nele o repusessem. «Se o povo



EM SINTRA — D. MANUEL E SUA MÃE, A EX-RAINHA D. AMÉLIA, CONVERSANDO, NO PALÁCIO DA PENA

rirentaram a natural cordura, ninguém o lembrou com saúde, nem lhe sentiu a falta. Ficaram amigos de família, affectos às pessoas afáveis, carinhosas. Não ficaram partidários do regime que as pessoas representavam, porque nesse momento, os raros, como tal confessos, mais vale dizer, não existiam. Decerto o reconheceu o jóvem exilado nos primeiros tempos vividos em terra alheia, daí

me quiser por acôrdo unânime e me chamar com amor, com amor o irei servir. Quere dizer, pela violência, de golpe, levado por uma minoria activa, dominadora, não aceito. Responderei ao apêlo do coração português depois de convencido, pelos factos, de que prefere, a outros, o sistema por mim representado. No intervalo, continuarei punindo com entusiasmo a bem do nome e da grei, do



D. MANUEL E O INFANTE D. AFOSSO, SAÍNDO DA BASÍLICA DA ESTRELA, ONDE FORAM ASSISTIR A UMA FESTA RELIGIOSA

tar o valor e prós-timo do que ia executando.

Procurou servir sem atender ao lucro, para si ou para a ideia que encarnava, e sem cuidar da vantagem, porventura colhida, pela instituição adversa. Não se está habituado, mórmente em Portugal, a



D. AFOSSO XIII E D. MANUEL DE BRAGANÇA, REGRESSANDO AO PALÁCIO DE VILA VIÇOSA, DEPOIS DA CÉLEBRE ENTREVISTA

espírito e corpo de Portugal, que vive superior a quaisquer formas de Estado.»

Tal o pensou, tal o executou, como nesta hora de ajuste definitivo aparece a descoberto.

É perante a resenha dessa obra que, sem exagero, poderemos titular de política, nenhum português consciente, seja qual fôr o seu naipe sentimental, se negará a uma vénia profunda e respeitosa. Por fôrça se lhe há-de reconhecer beleza, a que lhe vem da isenção manifesta, bem como da sobriedade em ocul-

jar-se das paixões usuais, as próprias da natureza humana, que obrigam a não bemdizer nem bemquerer a quem nos injuria e detesta.

Fica distante da vulgaridade e sobe ao cume de nobreza extreme, o procedimento de D. Manuel na terra do exílio, quando empregou os meios, conquistados por seu esforço pessoal, a favor da nação que o repudiou. Só por interesse da Pátria em que nascera procedeu, sem lho pedirem nem esperar que lho agradecessem. Provou que amava com amor consciente, o criado à luz da inteligên-

cia, sustentando-o forte e veraz, como o amor de entranha, que não pede razões para se exprimir e dominar.

Soube que corria perigo o bem comum da gente portuguesa e, sem sopesar de agravos da mesma gente recebidos, correu a defendê-la com todos os recursos de que dispunha. E depois do património material, zelou também o nome, a honra, vibrando sempre como vibram os ausentes do torrão, filhos miudos, filhos graúdos, que, ao longe, não distinguem as nódoas e misérias dos habitantes no seu modo de viver.



NO PORTO — D. MANUEL DE BRAGANÇA, QUANDO DA SUA VISITA À CAPITAL DO NORTE, LOGO APÓS A SUA PROCLAMAÇÃO, ONDE FOI ENTUSIASTICAMENTE RECEBIDO, DANDO O BRAÇO AO IMPORTANTE INDUSTRIAL PORTUENSE, SR. ANTÔNIO DA SILVA MARINHO E ACOMPANHADO PELAS AUTORIDADES CIVIS E MILITARES DO PORTO. À DIREITA, VÊ-SE O ALMIRANTE FERREIRA DO AMARAL, PRIMEIRO PRESIDENTE DO CONSELHO, SEM PASTA, DO ÚLTIMO REI DE PORTUGAL



D. MANUEL, FARDADO DE OFICIAL DO EXÉRCITO ESPANHOL, AO LADO DE D. AFONSO XIII, ASSISTINDO, EM MADRID, A EXERCÍCIOS MILITARES



O ÚLTIMO REI DE PORTUGAL, POUCO TEMPO DEPOIS DE SUBIR AO TRONO, PRESIDINDO A UMA FESTA ESCOLAR NO JARDIM ZOOLOGICO

de justos ressentimentos e, com grandeza de alma, prestou à rês pública, identificada na República, os serviços que se diz, merece a gratidão de todos os portugueses, em primeiro lugar dos que fôrem republicanos, só assim demonstrando

esses a boa inteligência do fenómeno. Ele se honrou, como rei, em exílio, procedendo como procedeu. Nós nos honraremos agradecendo, depois de sabermos de certeza que nas horas de celário não nos ofereceram, como substantivo, simples retórica adjectiva.

Conheça-se o seu labor, o que devemos à sua influência, para depois de medido, se fôr como se marca, contarmos o autor entre os bons e memoráveis portugueses.

É tão raro de encontrar um dos nascidos neste alfôbre de exaltados, que faça política, sem ser faccioso nem interes-

seiro e distinga o proveito pátrio do pessoal, que ao darmos com um, por especial condição votado à política partidária, isento dessa mácula, razão temos de o admirar.

E, de facto, o ouvido e sucedido nos apresenta êste homem, português e rei, em permanente repudio dos escaravellhos que por af vemos disputando primasias. Aquilo que em Portugal se titula de políticos, em regra descriminando pessoas não entendidas em ciência política, muitos dêles reconhecidos como simples fervilhas, inquietos de espírito ou vulgares



EM LONDRES — D. MANUEL NA LEGAÇÃO DE PORTUGAL, APÓS O ALMOÇO ALI REALIZADO, RODEADO DOS SRs. D. FERNANDO DE SERPA PIMENTEL; MARQUÊS DE SOVERAL; VISCONDE DE ASSÊCA; CARLOS ROMA DU BOUAGE, MINISTRO DOS ESTRANGEIROS; GENERAL SUVEINE, CAPITÃO FARTESINE E LORD GRANVILLE, DIGNATÁRIOS ÀS ORDENS DO REI; MARQUÊS DE FAYAL; CONDE DE SÁBUGOSA; MARQUÊS DO LAVRADIO; ANTONIO BANDEIRA, SECRETÁRIO DO MINISTRO DOS ESTRANGEIROS, E D. TOMAZ DE MELO BREYNER



D. MANUEL E A EX-RAINHA D. AMÉLIA, AO SAÍR DO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS, PORTA DA SACRISTIA, DEPOIS DE ASSISTIR À MISSA DO 39.º DIA POR ALMA DE D. CARLOS E D. LUÍZ FILIPE

ambiciosos dos bens materiais, não recebiam dêsse exilado bom acolhimento. Parece que os detestava, assim revelando o quilate do seu temperamento, dado à arte, à cultura, aos deleites de um mundo superior, aonde não sobem, ou chegam tediosas, insuportáveis, as disputas do baixo mundo em que domina o ranger dos dentes, o grito dos pavões, o cantar dos galos, ruídos brutos, da matéria bruta.

Repetia-se que não queria reinar. E agora é lícito crêr que assim fôsse. Quem estimava os livros, os sons harmoniosos, as belas formas do pensamento, por força havia de detestar a briga, o tumulto das hordas que se formam para o assalto à capoeira onde

cacareja a galinha dos ovos de ouro, em Portugal assente no Terreiro do Paço.

Breves dizeres, actos, gestos registados denunciavam aquele estado de ânimo. Não queria, não poderia querer dedicar-se à política no país em que não existe a Política.

É mais uma feição interessante e sim-



D. MANUEL E O INFANTE D. AFONSO PRESIDINDO A UMA DISTRIBUIÇÃO DE PRÉMIOS ESCOLARES NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

pática para os raros que, por igual, sentem e pensam.

Assim êle se nos apresenta, renunciando com gesto de nobre soberba espiritual, aos atavios e mística da realeza, para ser um homem entre os homens, valendo pelo seu mérito.

Como tal o aceita e quer o nosso espírito de formação republicana, depois de julgado sem favor perante as realidades da sua acção.

Pede-se a monografia que nos traga a investigação histórica da sua actividade na defesa do império colonial, e no estorvo posto à felonía do primo Afonso XIII de Espanha, em certa hora, que ninguém ainda esqueceu, declarado amigo estrenuo de Portugal.

Venha tudo a lume, que talvez o último Bragança possa ficar na memória dos portugueses como iluminura bela de uma crónica, raras vezes sedutora.

Desfeito, com êle, o que restava de hipótese monárquica menos absurda, a ninguém molestará a pesquisa justa, sincera, feita com a gravidade ordenada pela crítica histórica, a fim de traçar as linhas verdadeiras de uma figura, digna de mencionar, entre as estimáveis da sua época.

Não foi o último quarto de século tão fecundo em varões insígnies, entre os in-

vestidos de função pública, que possamos desperdiçar um, onde parecem existir qualidades originais, inconfundíveis. Que o facciosismo levasse a desvirtuar o mérito ou diminuir o louvor devido à sua obra nacionalista, seria estúpido e impróprio de espíritos cultos.

Não sirva a ninguém a fatalidade da sua condição de rei para recusar-lhe o que não seria possível de negar a qualquer homem.

Samuel Maia.

(Fotos Benoliel)

O "Dia da Colônia Portuguesa" no Rio de Janeiro

gueses, antes se alarga até aos lares brasileiros e até se estende à própria ca-

sa oficial da grande República sul-americana.

O «Dia da Colônia», o dia da consoada dos portugueses no Brasil, assim acarinhado pelo chefe da nação brasileira, oferecia, pois, motivo de verdadeiro orgulho e contentamento.

O sr. dr. Martinho Nobre de Melo referiu-se, em seguida, aos chamados dissídios, de carácter político, no seio da colônia, dizendo que o dimentido formal estava na criação da Federação e na realização daquela festa, em que se

formara como que um pacto de união sagrada.

Salientou, depois, o facto dêsse compromisso ter sido tomado na presença do Chefe do Estado brasileiro e do representante de Portugal, e de haver sido escolhido para patrono da

nova instituição o grande poeta Luís de Camões.

A comemoração do «Dia da Colônia Portuguesa» no Rio de Janeiro, revestiu-se de grande solenidade. A grandiosa sessão, promovida pela Federação das Associações Portuguesas, e que se realizou no salão nobre do Gabinete Português de Leitura, foi o primeiro acto solene público a que assistiu o sr. dr. Martinho Nobre de Melo, embaixador de Portugal.

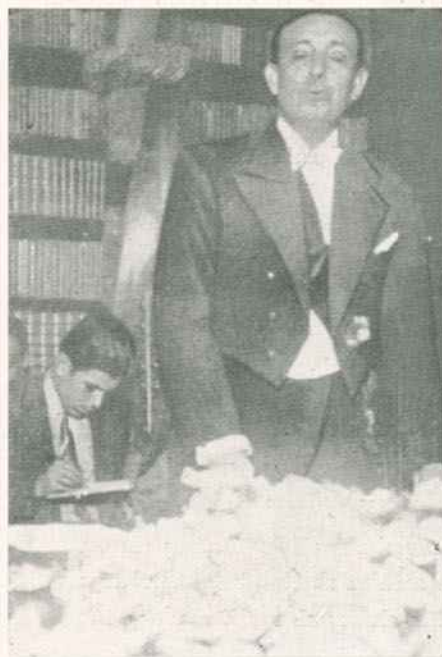
Presidiu o sr. Getúlio Vargas, presidente da República Brasileira, tendo à sua direita os srs.



CARLOS MALHEIRO DIAS, JALANDO EM NOME DA FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUESAS

Afrânio de Melo Franco, ministro das Relações Exteriores, e Carlos Malheiro Dias, e à esquerda, os srs. dr. Martinho Nobre de Melo e Conde Dias Garcia.

Em nome da Federação, falou o grande escritor sr. Carlos Malheiro Dias, que fez um lírio de glória a Portugal, elogiando a velha e indissolúvel fraternidade luso-brasileira. Congratulou-se, em nome da colônia portuguesa, pela escolha de Martinho Nobre de Melo para o alto cargo de embaixador e fez



O EMBAIXADOR DE PORTUGAL, SR. DR. MARTINHO NOBRE DE MELO, PROFERINDO O SEU NOTÁVEL DISCURSO

votos para que se desempenhe da sua árdua tarefa com grande brilhantismo.

O jornalista João Luso, que se lhe seguiu no uso da palavra, evocou o sentimento do «Dia da Colônia» e referiu-se à nossa história pátria.

Depois de terem falado os srs. dr. Fernando de Magalhães e Augusto Pinto, ergueu-se o sr. dr. Martinho Nobre de Melo. A imprensa brasileira classifica a oração do nosso embaixador de «modelar, esmeradíssima, notável e feita em linguagem puríssima, de imaginação fecunda e de extraordinária clareza». Escreveram ainda os jornais do Rio que «a sua palavra eletrizou a assistência, tanto mais que falou de improviso».

Agradeceu, em nome do Governo português, a presença do Chefe do Estado brasileiro naquela festa familiar lusitana. Vindo de longe, surpreendia-o o gesto do sr. dr. Getúlio Vargas:

Encontrara a prova de que a sua gente, a sua família, se não confina nos lares portu-



O PRESIDENTE DA ACADEMIA BRASILEIRA, SR. DR. FERNANDO DE MAGALHÃES, LENDO O SEU DISCURSO



O SR. DR. JOSÉ TRESSES FALA EM NOME DOS «ROTARY CLUB DO BRASIL»



O JORNALISTA JOÃO LUSO, PRONUNCIANDO O SEU INTERESSANTE DISCURSO



A ASSISTÊNCIA À SESSÃO COMEMORATIVA DO «DIA DA COLÔNIA PORTUGUESA», QUE SE REALIZOU NO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA

DAMA Beleza, de mãos dadas com a senhora Utilidade, está disposta a ouvir boutique, como se diz para lá dos Pirinéus, para bem de nós todos, portugueses, e de todos aqueles que se lembrarem de visitar esta linda terra de Portugal.

Uma ideia interessante para o turismo e para o automobilismo

Herr Hans Bethge, num artigo que acabo de ler no jornal austríaco *Neues Wiener Journal*, queixa-se, e com razão, do mau estado dos nossos caminhos, para quem queira fazer turismo, por aqui, em automóvel. O articulista, que percorreu muitos quilómetros do nosso país em auto, passou horrores e esteve em risco de partir as costelas, aos tombos, dentro do carro, sacudido pelas covas, que rivalizam em brutalidade com montículos e mais proeminências de origens várias.

Há, felizmente, quem pense, a sério, em melhorar tudo isto, e há quem pense ainda mais além nas comodidades e facilidades a conceder aos turistas de casa e às visitas.

Entre esses homens de boa vontade, destacou-se agora Perfeito de Magalhães, que acariciando a sua barbicha mefistofélica, teve uma ideia luminosa, dessas que, com certeza, não lembram a mestre Diabo, que, é, no entanto, um tipo inteligente.

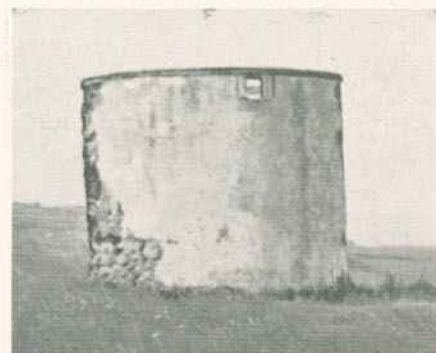
Trata-se de aproveitar os velhos moinhos abandonados, que por este abençoado torrão fora se mirram de saudades pelos dias felizes em que eram alguém, alçando para o céu as asas brancas e gerando vida e calor, triturando o trigo doirado das searas ondeantes que em sua volta o vento balouçava.

A crise do desemprego, que a máquina

trouxe aos braços do homem, chegou também às pobres coisas que, dantes, eram tão acarinhadas e aproveitadas, e que o modernismo relegou para o esquecimento.

Os velhos moinhos estão neste caso. Ninguém os quer, e ninguém lhes liga importância como trastes inúteis.

Dantes, tudo era animação e alegria em seu redor. A moleirinha gentil cantava qualquer trova de amor, enquanto a burricada esperava que a carregassem com a farinha branquinha e saudável, que daí a pouco seria pão — a côdea sabo-



UM MOINHO ABANDONADO

rosa que iria matar a fome ao pobresinho ou calar o garotete loiro e rosado, enquanto a mãe punha a sua vida em ordem.

Hoje, coitados, caídos em letargia à força de inacção, já não sentem sequer a chuva que os açoita nem os raios bemfazejos do sol que, em vão, buscam acordá-los do seu torpor.

Pois Perfeito de Magalhães quer fazer deles, desses pobres desiludidos, qualquer coisa de belo e de útil, outra vez.

Aproveitá-los para embelezar as estradas e oferecer ao viadante que passa, no seu *Roadster* ou no seu *Cadillac*, todas as comodidades, num momento de repouso e distração.

Vejam, pelas gravuras que acompanham esta página, como é bela e grandiosa essa ideia.

Esse triste mono, deselegante e pouco

convidativo, transfigura-se, pela varinha mágica de Perfeito de Magalhães, num recinto encantador, onde o automobilista encontrará todas as peças de que precisar para o seu carro danificado pela caminhada, achará uma farmácia para qualquer acidente pessoal, e terá, a mais, no inverno lume para se aquecer, no verão, sombra para descansar a fronte esbraseada e frutos para refrescar a garganta empoeirada e seca.

Cada moinho será, assim, transformado, como mostram as gravuras, e terá o seu guarda permanente, com o seu quarto e a sua cozinha no pavimento superior e, em baixo, será o depósito de acessórios, pneus, essências e tudo o mais que é preciso para o carro, condutor e passageiros.

Não é linda a ideia?

Oxalá que todas as entidades que têm que ver com o turismo e o automobilismo compreendam quanto há de precioso, para os seus próprios interesses, no magnífico achado de Perfeito de Magalhães, e peguem já, com ambas as mãos, no seu projecto.

Demais, parece que o caso não é de assustar as bôlsas avaras dos cobres que guardam. Aí com oito contos, por cada moinho, põe-se tudo isto a andar.

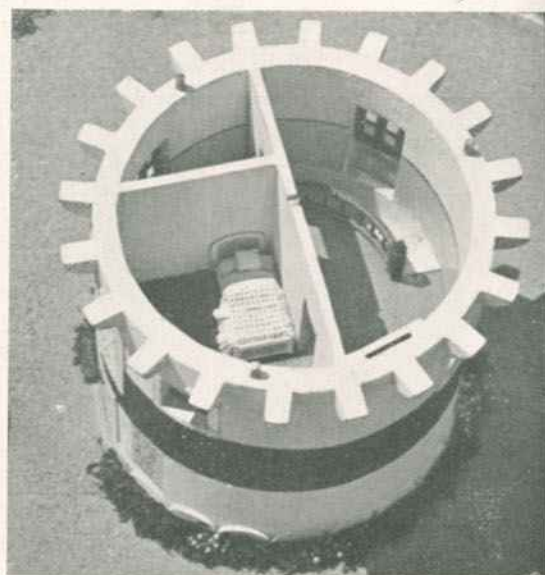
Ah! é verdade. Já me esquecia de um pormenor importantíssimo. Na frontaria de cada guarida, haverá constantemente uma luz. Será a guia do viadante, nas horas atribuladas em que nada vai bem e tudo falha.

Não têm os marinheiros o seu farol, para onde os olhos aflitos se voltam, na luta com o mar bravio? Pois em terra, às vezes, a tempestade nada tem que invejar à onda traiçoeira.

Mercedes Blasco.



A SUA RADICAL TRANSFORMAÇÃO POR FORA...



...E POR DENTRO, SEGUNDO PERFEITO DE MAGALHÃES

HOUVE sempre, como um grave perigo social, a caça à mulher. A ponto de uma rapariga abandonada ao mundo, ser um ente lançado às feras. Então, o tráfico é de todos os tempos, e dos que mais se têm desenvolvido. Ultimamente, o ultra-moderno jornalismo de reportagens revelou-nos autênticos casos de escravatura branca. Mulheres exportadas em *stock*, como mercadoria de prazer. Pior, portanto, que a célebre escravidão negra para o trabalho, cuja abolição é uma data de júbilo na História.

Entretanto, raros são desses especuladores da sugestão pública, que têm desenvolvido nos seus filmes de prosa sensacional, o movimento inverso, como se não existisse ou fosse menos subtil, menos curioso. Quando com êle deveriam concluir, num desfêcho simpático, tal a moralidade nas velhas fábulas, as suas revelações criminais. Sobre todos, neste campo onde as vítimas não passam de seres frágeis, sugestionáveis, como crianças perdidas num bosque — o complexo bosque da vida, que está cheio de ciladas e povoado de bandoleiros.

Assim, se é o encanto bruxo e não, mais que a míngua, o desconforto aflitivos, a ausência desesperadora de um amparo sincero, que as deixa resvalar, prender no visco dos lodais mundanos. Mais viscosa, escorregadia que a lama das chuvas, é a das fraquezas moveidias onde se deixam submergir as almas. E quantas raparigas — muitas já debruçadas para o pântano onde por vezes se arco-irisam mágicamente os lódos — não sentem mais que a indiferença que passa e a mão rapina que as leva, para ressurgirem num eterno vampirismo sexual ou num esgôto de viela! E de quem é essa garra de presa? Não só a dos vampiros de profissão, que se infiltram, manobram a ocultas, mas a de todo o vampiro que há no íntimo animal de cada homem.

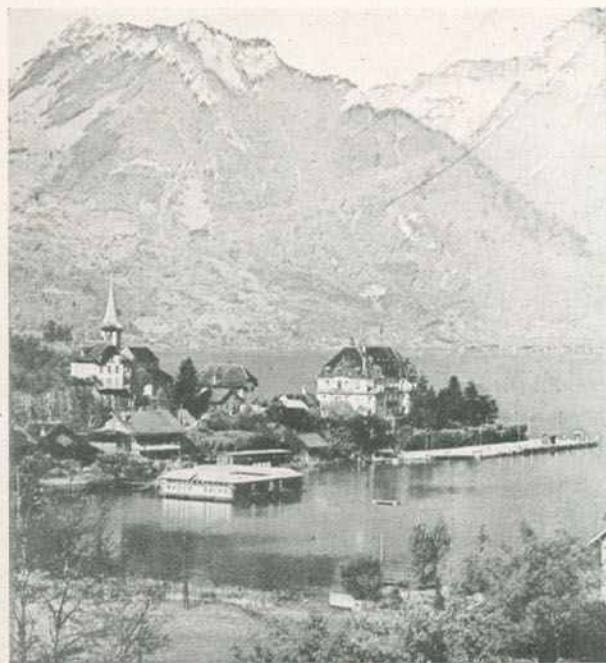
Com isto se têm encluido columnas de prosa — de prosa jornalística e romântica, que, somadas, seriam mais altas que a de Trajano. Afinal, deixando-se há trinta e seis anos na sombra a obra, apesar de tudo prosseguida e sempre melhor organizada, dessa

O que é a Associação Internacional de Protecção às Raparigas e como funciona a sua séde de Lisboa



VISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PROTECÇÃO ÀS RAPARIGAS EM FRIBOURG (SUÍÇA)

pedosa senhora Reynold, que na Suíça, o país das paisagens encantadas e dos altos gelos pensativos, se compadeceu da sorte miserável de russas, polacas e húngaras, que de suas terras emigravam entre o belo turismo dos ociosos, com os olhos deslumbrados e braços abertos para os largos horizontes da vida! Mas quem conhece hoje a sua acção, já depois de se ter enraizado e frutificado no mundo, como uma grande árvore tutelar? Quem sabe, entre nós, que entre os trinta e quatro países em que se confederou, estabeleceu em Portugal a sua subtil rede



OUTRO ASPECTO DA SEDE DA ASSOCIAÇÃO NA SUÍÇA

vigilante, possuindo um dos seus núcleos centrais nesta mesma Lisboa, pôrto de escala da tal escravatura branca para as Américas?

Só, por certo devido a esta quasi ignorância, a Associação Cristã Internacional de Protecção às Raparigas, não pôde ainda remar como deveria e deseja, contra a maré-alta dos estonteamentos, que alastra. A sua sede continua em Fribourg, onde nasceu, na pátria branca, em em que os diplomatas buscam a evocação da Paz, à sombra das altas montanhas claras espelhando-se no êxtase azul dos grandes lagos.

Porém, desde logo se reconheceu não serem só as já citadas nacionais

que corriam tais riscos, atraídas como bandos de alvéolas para os deslumbrantes centros de turismo. O mesmo se dava com as raparigas de tôdas as nações. Onde quer que seja no mundo, não cessa, sob todos os ensejos, sob mil astúcias, a caça vil do homem à fêmea — desde que ela não seja a sua mãe, as suas irmãs, a sua esposa, a sua melhor amada.

Assim, a Associação de Protecção às Raparigas, se distribuiu pelo mundo em Juntas Nacionais, cada uma autónoma no seu país, e nele se repartindo em Juntas diocesanas e locais, indo até às «corres-

pondentes» desgarradas nas mais pequenas e rudes aldeias. Embora ligadas por uma estreita solidariedade tutelar ao concelho central, as Juntas diocesanas têm a liberdade de organizar os seus serviços consoante a zona em que se encontram. É — segundo uma frase do boletim da Protecção: «dêste modo todo o país fica sob a acção protectora da Associação, que desejaria que a sua rede fosse tão extensa e tão fina que nenhuma alma de rapariga lhe escapasse». Como? É que em geral as suas filiações, e sobre tôdas as «correspondentes», habitando nos longes mais recuados da civilização, cumprem ser de qualquer modo na Terra, os anjos-da-guarda das raparigas.

Disse — sobre tôdas as «correspondentes», que, mesmo, devem a todo o transe fazer por guardar nas suas aldeias as pobres camponesas; sim, porque as restantes associadas não têm geralmente mais do que indicar às perdidas no mar alto das cidades, o

único farol, o pôrto de abrigo da casa de Protecção, ou se esta não existe, qual-quer lar de confiança da respectiva Junta diocesana ou do concelho central.

Conheci a actividade desta Associação, numa das suas obras mais interessantes — a das gares. Colhia eu então elementos para uma reportagem sobre a degeneração e o comércio sexuais. Ao instituir-me em repórter, documento-me como os outros, apenas folheando as próprias páginas da vida, e assim fôra à estação do Rossio onde sabia operarem certos indivíduos por conta de uma casa suspeita. Foi quando o meu informador me indicou, além dêsses que procuravamos, outros agentes que ali estavam procedendo em sentido inverso. Eram do sexo feminino, e, segundo me foi notificado, aguardavam na *gare* algumas mulheres, que a correspondente da Associação por que trabalhavam, não tendo podido conter nas suas terras, lhes remetiam para que fielmente as guiassem ao recolhimento de protecção. O meu informador ainda me acrescentou, que as suas associadas tinham já por dever vigiar as raparigas em viagem, durante êsse espaço de tempo em que, mais veloz que o corpo e os cenários fugitivos, galopa desenfreado o corcel doido das nossas fantasias.

Enganam-se os que supõem mera invenção os romances de aventuras; êles são, quando muito, uma caricatura, mais ou menos parabólica, da realidade. Foi a impressão que tive naquele momento em que o comboio chegou — monstro de ferro, resfolgante, atirando alto o seu silvo de alarme, abalando as altas ressonâncias da *gare*, onde os pregões dos corretores instavam os nomes dos seus hotéis entre o movimento em que eu sabia occultarem-se aqueles agentes de missões tão antagónicas.

Eis porquê naquele vivo exemplo de tal combate na sombra, tive o maior empenho em conhecer a Associação Protectora das Raparigas, visitando a séde-

-recolhimento da sua Junta diocesana de Lisboa, a que preside o selecto espírito de D. Maria Luísa Vilhena da Câmara, e onde se instala a Junta Nacional em comunicação com a Suíça, sob a venerável presidência da sr.^a D. Maria Emília Brandão Palha.

A casa, ou antes, o pôrto-de-abrigo para as raparigas no mar alto da cidade, situa-se num ponto dominante, sendo o prédio com os números 45 e 47 da Costa do Castelo. Foi residência da família de um dos nossos actuais poetas mais apegados à Raça, e só deixou de abrigar as musas para acolher as pobres para quem o mundo não tem poesia.

Praticando-se a porta do n.^o 45, um lance superior da escadaria que se aprofunda em hélice, leva ao *hall* ladrilhado, onde, para lá de um tabique em grade para flores se vê o envidraçamento sobre o espaço, e por cima da porta para o interior se ostenta a placa da sede em Fribourg. Uma solícita senhora, que desempenha as funções de gerente, conduz-me pelas dependências amplas e sóbriamente confortáveis, onde um grande espírito de Lar adêja como a única doçura para as desamparadas nas escabrosidades do mundo.

Algumas raparigas, muito novas, azougadas lidam pelos interiores, sem dar com a minha presença. São as recolhidas. Elas têm a sua hora de repouso no *hall* envidraçado, ou pelo jardim, sobre os

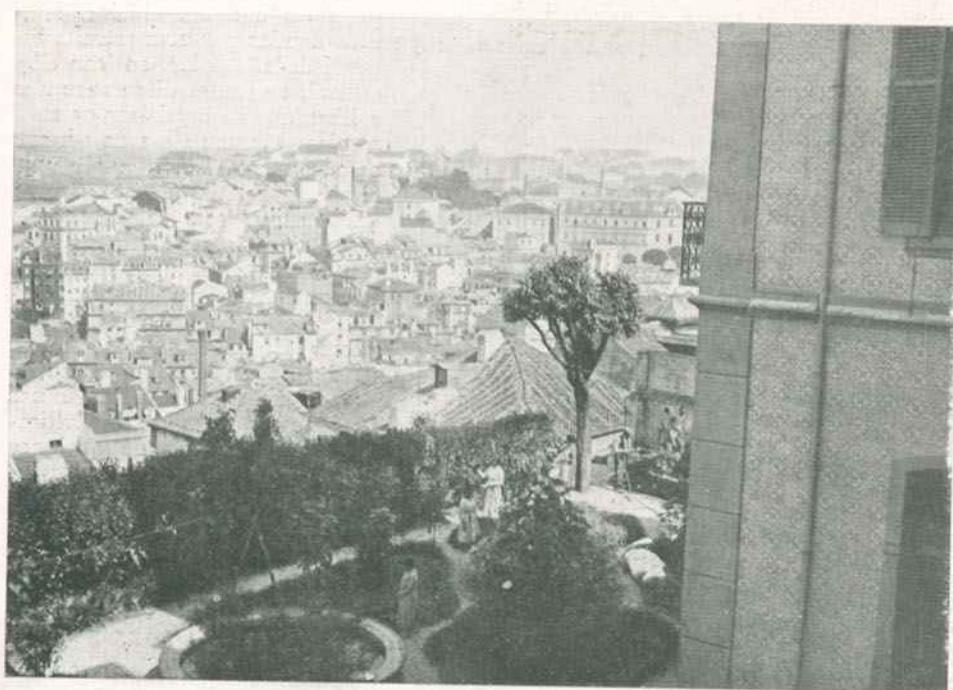


NO LABIRINTO ESCURO DA CIDADE DE LISBOA.

fundos aparentemente calmos de Lisboa. É-lhes destinado albergue no piso inferior, onde se encontra o escritório de colocações. Porque a Associação não se limita a recolher raparigas érmias de família, mas ainda a integrá-las no amanho da vida, consoante as suas habilitações e com as melhores garantias. Aqueles a quem vão servir, obrigam-se segundo aviso da gerência, a enviá-las periodicamente à direcção, a fim de prestarem contas morais; em caso de despedida, comprometem-se em remetê-las ao Recolhimento.

Assim a Protecção, apesar das suas inúmeras dificuldades deu, no ano findo, conforme oficiou para a Suíça, e ao sr. Governador Civil de Lisboa — 3.369 dormidas, 12.082 refeições, colocou 325 raparigas, tendo repatriado algumas e proporcionando avultadas receitas médicas. O seu espírito bemfazer e vigilante tem-se repartido em juntas diocesanas, no Pôrto, em Braga, Coimbra e Guarda, ramificado em Juntas locais por Viana do Castelo, Ponte do Lima, Famalicão e Penafiel, e chegado como últimas radiculas sensíveis às «correspondentes» nos mais variados reprêgos da Província.

Quando saía, após tomar êstes ligeiros apontamentos, acabavam de entrar três esplêndidas provincianas, flagrantemente na sua bagagem de sacos, cêstos e chapéus de chuva, e que ali encontravam sincero acolhimento, talvez em lugar de serem lançadas como dejectos sociais no esgôto dalguma viela!



O PÔRTO DE ABRIGO PARA AS RAPARIGAS STA. NO MAR-ALTO DE LISBOA.



NUM «ATELIER» DE MODISTAS AS COSTUREIRAS TRABALHANDO DE MÁSCARAS CONTRA OS GASES, PARA SE EXERCITAREM...

O GRANDE PERIGO DA GUERRA FUTURA

As precauções contra os gases

é mais do que suficiente, não só para envenenar a população, como para arrazar a cidade inteira.

Estes dados foram fornecidos, há poucos meses, por oficiais alemães, especializados na fabricação de gases

asfíxiantes, o que dá uma garantia de veracidade. Para se chegar a apurar estes números calculam-se os estudos que foram feitos!

Por aqui se pode avaliar o tremendo mal



NOS ESCRITÓRIOS, AS DACTILÓGRAFAS TRABALHAM, EM DETERMINADOS DIAS, COMO SE FOSSE EM PLENA GUERRA...

EM todos os países, especialmente na Rússia, há escolas para ensinamento do uso das máscaras contra os gases asfíxiantes.

Por toda a parte, nas oficinas, nos quartéis, nos «ateliers», nos escritórios, no campo, há treinos para a defesa de tão terrível flagelo. Trabalha-se, algumas horas por dia, de máscara afivelada. Exercitam-se, dessa maneira,

prevendo a guerra de amanhã.

Em Portugal nada se tem feito. É tempo de se olhar para o futuro e para o perigo que constantemente ameaça a Europa.

Mais vale prevenir do que remediar.

Ninguém ignora as



NA CAVALARIA NEM SÓ OS SOLDADOS USAM MÁSCARA, OS CAVALOS TAMBÉM...

consequências que pode ter uma guerra aérea. Os gases, embora não matem, arruinam a saúde.

Se uma cidade, como Berlim, por exemplo, com cerca de quatro milhões de habitantes e que ocupa uma área de trezentos quilómetros quadrados, for atacada por 1.200 aviões e cada qual transporte três toneladas de gás,



CULTIVANDO A TERRA DE MÁSCARA AFIVELADA...

que nos ameaça: bem mais perigoso e mortífero do que todos os canhões da grande conflagração de 1914-18.

A guerra futura será — como já se escreveu

— não uma guerra de balas, mas um duelo electro-aero-químico.

Tanto assim é, que a Conferência Internacional contra o emprego dos gases asfíxiantes, realizada em Francfort, em Janeiro de 1929, se considerou impotente para resolver o grande problema e fez publicar a seguinte circular:

«Convencidos de que os novos métodos de guerra suprimem inteiramente toda a possibilidade de garantir a segurança dos Estados, a Conferência aconselha todos os países:

1.º— Avisar todas as populações sobre a gravidade do perigo que as ameaça.

2.º— Aconselhá-las a não confiar numa segurança completa... e a precaver-se contra o grande perigo dos gases.»

Bom seria, portanto, que em Portugal se criassem, a exemplo do que se está fazendo lá fora, escolas para ensinamento do uso das máscaras.



OS FERROVIÁRIOS TAMBÉM SE ACAUTELAM CONTRA O PERIGO DO GÁS ASFÍXIANTE...



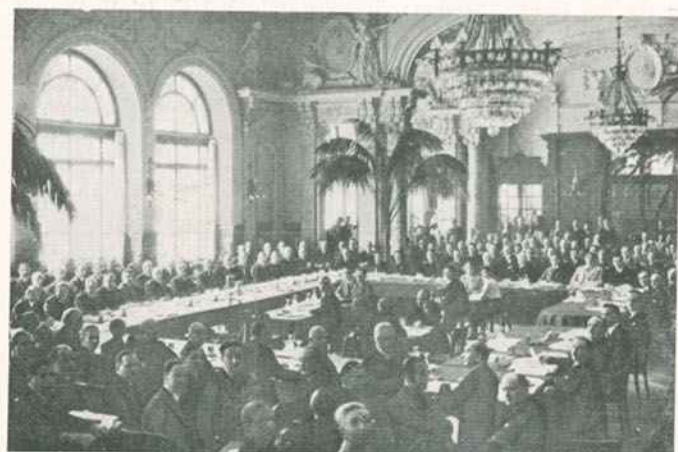
NUMA DAS MUITAS ESCOLAS RUSSAS: UM PROFESSOR ENSINANDO O USO DAS MÁSCARAS CONTRA OS GASES



NOUTRA ESCOLA, UM OFICIAL ESPECIALIZADO, EXPLICA, CIENTIFICAMENTE, O MAL QUE OS GASES PODEM CAUSAR...

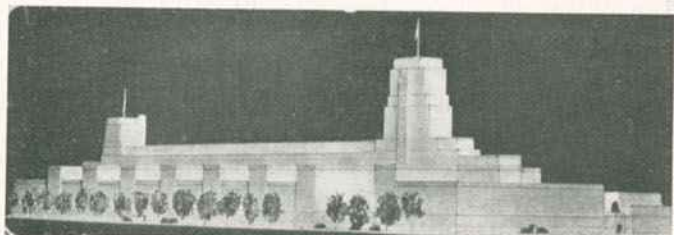
Finalmente...

... CHEGOU-SE a um acôrdo quanto às dividas de guerra em Lausana. A conferência, presidida desta vez pelo sr. Ramsay Mac Donald, reuniu-se no hall do «Beau Rivage Hotel», celebrando-se diferentes sessões desde 16 de Junho até 9 do corrente. Estabelecida, ao



cabo de tantos discursos e com a ajuda de tantas opiniões, a base para o acôrdo, ficou, por enquanto pelo menos, o caso arrumado de uma maneira que reflecte nitidamente as actuais condições económicas da Europa e da América.

A Universidade de Londres...



... SURTIR-NOS-Á, brevemente, sob um aspecto absolutamente modernista. Na gravura que publicamos poderemos admirar a «maquette» proposta pelo architecto Holden e aprovada oficialmente. Será edificada em Bloomsbury.

Ao que leva a popularidade

KEMAL Pachá, o ditador turco, goza de uma grande popularidade em todo o país, e tamanho é o entusiasmo dos turcos pelo chefe que os modernizou e pretende fazer da Turquia qualquer coisa que se veja, — que todo o bom turco, amante da sua pátria, não passa sem ter em casa um busto ou uma pequena estatueta de Kemal Pachá. Não têm mãos a medir, pois, os artistas



em Angora e noutras cidades turcas, pintando, esculpindo ou modelando as feições do seu chefe. A prova está na gravura que publicamos e que representa

um recanto de um «atelier» onde contamos seis bustos da notável personalidade.

Fardamentos «nazis»

A CERCA dos acontecimentos políticos na Alemanha não nos furtamos em apresentar aos nossos leitores o mais recente mo-



dêlo de fardamentos adoptados pelas tropas de assalto hitlerianas logo após a revogação do decreto que prohibia ao grupos políticos apresentarem-se, publicamente, uniformizados. Dizem as más linguas que os hitlerianos os decalcaram dum modelô inglês. A verdade é que foi o próprio actual govêrno alemão

que aconselhou Hitler a uniformizar os seus partidários com uma indumentária mais decente do que as decantadas camisas castanhas.

Um sorriso...

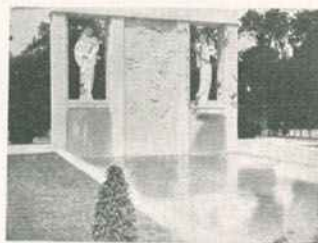
... DE FÉ no futuro. Um sorriso simpático, este, da princesa Iléana, esposa do Arquiduque Anton de Habsburgo e irmã



do rei Carol da Rumania, que, segundo informam os jornais, deverá ser mãe durante o decorrer do mês corrente.

Em memória de Debussy

A França homenageou a memória de Claude Debussy inaugurando, num local situado entre o Boulevard Lannes e o Bois de Boulogne, o monumento que reproduzimos em gravura.



Para a sua construção contribuíram todos os admiradores da arte de Debussy espalhados por esse mundo fora. O sr. Lebrun, presidente da República francesa, honrou o acto com a sua presença, êle mesmo descerrando o monumento.

Remédio santo...

... É para muitos males, a água. De simples applicação e de preço económico, usam-na agora as autoridades alemãs sempre que queiram dispersar manifestações de carácter político. Um carro blindado



dado armado de uma potente mangueira lança a grande distância um jacto de água que faz retroceder mesmo os mais atrevidos...

PELO MUNDO FÓRA

Na Suécia

É de certo modo romântica a fotografia que reproduzimos. Foi obtida após o pedido em casamento da princesa Sibylle de



Saxe Coburg Gotha pelo príncipe Gustavo Adolfo da Suécia.

O fim do fim

A SPECTO do acampamento abandonado, onde a expedição Lindley passou os seus últimos



dias. Os cadáveres de Allen Carpe e Theodor Koven foram encontrados a pouca distância.

PELO MUNDO FÓRA

Um notável explorador

O sr. H. St. John Philby pode e deve ser considerado o explorador mais notável da actualidade. O seu último feito resu-



me-se numa jornada a pé pelo deserto de Khali, na Arábia, que se efectuou numa extensão de 1.800 milhas e demorou 90 dias. Desta viagem trouxe o sr. Philby uma notável colecção de achados arqueológicos que enriquecem agora o museu Britânico. Anuncia-se, por igual e para muito breve, a publicação da sua obra *The Heart of Arabia*, na qual se encontram compiladas todas as suas impressões e observações acerca da referida jornada.

A mulher e a aviação

O exemplo de Amélia Earhart parece querer frutificar. Sugestionada pelo brilhante feito



daquela aviadora norte-americana, miss Lesile Mant, que conta

somente 16 anos de idade, prepara no aerodromo de Croydon, Inglaterra, um avião, a bordo do qual pretende tentar a travessia aérea desde a Inglaterra à Austrália.

Conseguirá o seu intento?

O Congresso Eucarístico de Dublin

A chegada do vapor *Cambria* ao porto de Kingstown, transportando a bordo o representante do Papa, alguns aviões pertencentes à aviação do Estado livre da Irlanda, acompanharam o paquete, formando no ar o símbolo da cruz católica.



Uma senhora misteriosa

A esposa do primeiro ministro irlandês De Valera, passa, como sucede com a de Mussolini, por nunca aparecer em público e se manter sempre longe das cerimónias oficiais. Diz madame De Valera que as suas obrigações domésticas vêm em primeiro lugar e, por isso, foi com grande entusiasmo que os irlandeses a viram aparecer pela primeira vez



em público na recepção feita ao Cardeal Lauri.

Logo que este se apeou do automóvel, madame De Valera desapareceu, voltando à... sua torre de marfim.

Refrescos... espirituais

—O Manuel funileiro tinha tanto amor ao seu ofício que o seu maior desejo era que o filho fôsse soldado...

—O banqueiro X nunca cometen más acções. Limitou-se a emitt-las...

—Abraão era tão avarento que respirava pouco só para poupar o ar...

No Sião

A fotografia que publicamos do último rei do Sião, apresenta-nos o referido monarca envergando as suas vestes oficiais e ocupando o trono real. Era ele o último monarca absoluto do mundo inteiro, que acaba de ceder ante a vontade dos seus



subditos transformando o regime absolutista num regime constitucional.

O primeiro veraneio do ex-Kaiser...

...REALIZOU-SE, desde o seu forçado exílio em Doorn, este ano na praia de Zandvoort, Holanda. Vemos na gravura Guilherme II entre sua esposa e o Barão von der Heydt que o hos-



pedou em sua casa. Von der Heydt é um antigo financeiro alemão que se exilou voluntariamente desde a implantação da República na Alemanha.

Guilherme II declarou-se encantado por mudar de ares...

Mãe e filho



ESTA plástica da autoria do modelador alemão Arthur Lewin Funke, acaba de alcançar um ruído êxito numa exposição de arte realizada em Berlim, havendo sido adquirida pelo Estado alemão para um dos seus museus.

Gustavo Doré

A França realizou recentemente uma exposição retrospectiva das obras de Gustavo Doré, considerado o ilustrador mais célebre de obras românticas do últi-



mo século. A exposição realizou-se no Petit Palais comemorando o primeiro centenário do seu nascimento.

CARICATURA NO ESTRANGEIRO



—SR. GUARDA, DEPRESSA! ONDE É A ESCOLA DE AUTOMOBILISMO MAIS PRÓXIMA DAQUI?... ESQUECI-ME DA MANEIRA COMO DEVO PARAR A CARRO!

(Caricatura de Bill Holman no «Judge»)



SOLILÓQUIOS E COMENTÁRIOS



O Amor visto por um *chauffeur*:

O Amor tem quatro tempos exactamente como o motor. Quando a gente encontra o seu par e se chega à fala é a admissão. Ama-se, farta-se de sonho e vem a saciedade. Enervam-se e a paciência esgota-se. É a compressão. Ora como aquele estado de coisas muito diferente daquele engano de alma ledó e cego não pode durar muito, vem a explosão. E como se não podem aturar dá-se a evacuação ou escape, o que quer dizer que o Amor e o Sonho queimado já sai transformado em ódio ou indiferença. E como se trata de escape, escapam-se um ao outro. Deixaram ir o motor abaixo e vão por êsse mundo a ver se encontram alguém que novamente os ponha em primeira, entusiasmo pleno, em segunda — fôrça para subir aquele calvário, ou em terceira, que é como quem diz se eu quizer não me ralo. E olhe que às vezes deita-se longe, assim, havendo dinheiro, que é como quem diz, a gasolina.

*

Os paradoxos:

Verberaram a um homem pobre o andar sempre de automóvel, ao que êle se justificou dizendo que não era tão rico que pudesse andar a pé.

É que, para ganhar a vida, dizia, eu tenho que andar a pular de ramo em ramo, sempre ofegante, sempre a olhar o relógio. E se eu fôsse rico quando chegasse chegava, e se o relógio se lembrasse de marcar 4 horas quando eu calculasse que eram apenas 3, achava que estava bem, porque êle para isso devia ter as suas razões.

*

NA vida de um homem os Fins a alcançar são a Saúde, o Dinheiro, a Fôrça, o Poder. A mulher é a maravilhosa máquina, o soberbíssimo invento de os destruir a todos.

*

SE alguém, amigo ou inimigo, se lembrar de fugir com a tua mulher ou a tua amante, bem-diz o momento em que o Destino transformado em jardineiro se lembrou de arrancar aservas ruins do jardins da tua vida.

*

NA minha arte, dizia um guerreiro, conheço tudo. Sabe V. fugir a tempo, preguntam-lhe.

É que se não sabe de pouco lhe servirão a tática e a estartégia que aprendeu, porque não tardará muito a esquecê-las...

*

MARIA Bashkirtseff escreveu algures: «A vida compõe-se de pequenas coisas, e quando tôdas essas pequenas coisas não vão bem, isso é pior que uma grande calamidade». É verdade, porque dos dois processos de que se serve a Fatalidade para derrubar um homem o da lima é bem pior que o do tiro certo.

*

LÊ-SE numa das imortais páginas de Fialho: «Em resumo, disse Manuel, para se ser alguma coisa cá na terra, é



indispensável deitar-se ao mar tôda a vergonha».

É mesmo! como se diz no Brasil.

*

A indiferença é o antípoda do interêsse, excepto quando se tem interêsse em aparentar indiferença.

*

ENCONTREI um assassino admirável, um homem que matou o Passado. O Passado é um estôrvo, um remorso, um crime. Porque ou é tão grande que torna pequeno o presente, ou tão mau que o melhor presente o não redime, ou então tão vasio, tão mal aproveitado que nenhuma desculpa o releva.

Se fôsse possível matar o Passado, quantos de entre todos nós não iríamos buscar a mão libertadora que para sempre nos desse a droga que o fizesse esquecer ou o cutelo que de nós o separasse...

VALE muito mais ser amado do que ser temido, pensa muita gente. Juliano, o Apostata, pensava o contrário, e eu penso como êle pensou. Ser temido e ser forte e ser amado é apenas ser bom. Ora os fortes são os vencedores, os fortes ou os astutos, que a astúcia é apenas uma fôrça que aprendeu gymnástica. E os amados são quasi sempre dêbeis que os outros toleram como padrões do homem ideal a manter, contanto que não sejam êles.

*

«QUEM não tem sangue não faz chouriços», disse Martim Afonso de Miranda. Às vezes faz. O que os chouriços não são é de sangue.

*

POR mais que as mulheres tentem encobrir a verdade com a mentira, a verdade acaba por mostrar-se tal qual é e tal qual elas são... ao levantar da cama.

*

QUANDO um homem não pode com a sua má fortuna inspira tanta piedade como um cavalo que não pode com a carga. Há na vida duas coisas que um homem deve evitar: a Piedade dos outros e o Ridículo próprio. Por isso se vires o teu semelhante prostrado com a carga da sua má-fortuna dá-lhe um pontapé e brada-lhe: Levanta-te e caminha. Para que não seja ridículo e os outros o não apeguem dando-lhe a esmola da sua piedade.

*

OS homens capazes de grandes coisas são sempre vítimas das pequenas. É a revolta dos inferiores contra a supremacia da intelligência.

*

«DEUS cega aqueles que quer perder». É verdade. Mas os que perdem quasi sempre atribuem a culpa ao Diabo, que, como sempre, não meteu para ali prego nem estopa.

*

ORGULHO tem perdido muita gente boa que não quer ver que é por orgulho que se perde. É que a teimosia é uma cegueira em que o cego tem a mania de que tem olhos de lince...

Albino Forjaz de Sampaio.

UMA FESTA de beneficencia da colónia espanhola

A colónia espanhola residente em Lisboa, que conta no seu seio figuras de alto relevo, quer no comércio, como na sociedade, organizou há dias, nos vastos salões do Club dos Restauradores, uma lindíssima festa de beneficência a que concorreu tudo quanto de melhor nela existe,

Para êsse fim, constituiu-se uma comissão composta das sr.^{as} D. Agustina Capella de Remus, D. Catalina Mundet de Gubert, D. Concepción Calderó de Martorell, D. Maria Antonio Gonzalez, D. Maria Fernandez de Muños, D. Maria Peig de Aymami e pelos srs. Antonio Baró, Bernardino Cartolano, Francisco Villaverde, Gabriel Pastor, Mario Palau Roure e Pedro Peig Doria.

O baile, que decorreu no meio da maior animação, prolongou-se até de madrugada.



ALGUNS DOS MEMBROS DA COMISSÃO ORGANIZADORA DO BAILE



DUAS DAS MAIS ANIMADAS MESSAS, ONDE SE VIAM FORMOSÍSSIMAS SENHORAS, APANHADAS EM FLAGRANTE PELO NOSSO FOTÓGRAFO



UM ASPECTO GERAL DA ASSISTÊNCIA À ELEGANTE FESTA ESPANHOLA



A sr.^a Cecília Cosmelli Lino de Abreu e o sr. dr. Artur Mendes de Abreu, à saída da paróquia do Coração de Jesus, por ocasião do seu casamento

VIDA ELEGANTE

Conde da Azinhaga e dr. Carlos Miguel Gonçalves.

Finda a cerimónia religiosa, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido, no Palácio da Mitra, onde se encontra instalada a «Mess Militar», um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na paróquia de S. Pedro, em Alcântara, realizou-se, com muita intimidade, o casamento da sr.^a D. Gina Pereira Caldas Bastos, interessante filha da sr.^a D. Mariana Carolina Pereira Caldas Bastos e do sr. Júlio Ferreira Bastos, com o sr. António Pissarra Lobo Xavier, distinto técnico agrícola, filho da sr.^a D. Maria Augusta Pissarra Lobo Xavier e do importante lavrador sr. Manuel Lobo Xavier.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Margarida Campos Bastos Lopes, prima da noiva, e D. Maria do Carmo Lobo Xavier Lopes Dias, irmã do noivo, e de padrinhos os srs. comandante José Vicente Lopes e dr. José Lopes-Dias, cunhado do noivo.

Celebrou o acto religioso o prior da freguesia, reverendo dr. Pinheiro Marques, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a



O CASAMENTO DA SR.^a D. RAFAELA BRAVO SANCHEZ COM O SR. ANTONIO SILVA TAVARES REALIZOU-SE, HÁ DIAS, NA PARÓQUIA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

Casamentos

Com grande brilhantismo, sendo celebrante Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo de Mitilene, D. Ernerto Sena de Oliveira, que no fim da missa fez uma comvente alocução, sendo durante o acto acolitado pelo reverendo sr. dr. Honorato e pelo prior da freguesia, realizou-se na paróquia do Sagrado Coração de Jesus, a Santa Marta, o casamento da sr.^a D. Cecília Cosmelli Lino de Abreu, gentil filha da sr.^a D. Júlia Carolina Cosmelli Lino de Abreu e do sr. Luiz Frederico Gonçalves Lino de Abreu, com o sr. dr. Artur Mendes de Almeida, distinto sub-delegado do Ministério Público, filho da sr.^a D. Elvira Ermelinda Ribeiro Mendes de Almeida, já falecida, e do coronel de engenharia e antigo lente da Escola de Guerra, sr. António Artur da Costa Mendes de Almeida.

Foram padrinhos, por parte da noiva, a sr.^a D. Elizabeth da Câmara Ferreira da Silva Carvalho e o capitão médico sr. dr. Raúl Emídio de Carvalho, e por parte do noivo a Senhora Dona Maria Tereza de Lowstein de Bragança e o Senhor Dom Duarte Nuno de Bragança, que se fizeram representar pelo sr. D. Nuno Xavier de Siqueira (S. Martinho). Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

As «lavandas» serviram os srs. Marquês de Faria, Conde de Nova Goa,



OS NOIVOS — SR.^a D. GINA PEREIRA CALDAS E O SR. ANTONIO PISSARRA LOBO XAVIER — NO DIA EM QUE CASARAM

sua benção. Terminada a cerimónia foi servido, na elegante residência dos pais da noiva à rua Jau, em Santo Amaro, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois de automóvel para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Ao noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Realizou-se na capela do palácio do sr. dr. Soares Franco, à Junqueira, o casamento da sr.^a D. Maria Joana Pôrto Soares Franco, gentil filha da sr.^a D. Maria Ana Pôrto Soares Franco e do sr. dr. António Soares Franco Júnior, com o sr. D. Francisco Xavier O'Neill de Avilez, filho da sr.^a D. Maria Teresa O'Neill de Avilez e do sr. D. António de Avilez, já falecido.

Foram madrinhas as mães dos noivos e padrinhos o pai da noiva e o tio do noivo sr. Conde das Galvêas.

O acto religioso foi celebrado pelo Monsenhor dr. Pinheiro Marques, prior da freguesia de S. Pedro, em Alcântara, que fez, antes da missa, uma brilhante alocução, seguindo-se a missa rezada pelo reverendo Perfirio Aboim, prior do Lumiar.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido no salão de mesa, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para casa dos pais da noiva, em Santo Amaro de Oeiras, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um



grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Sendo celebrante Monsenhor Amadeu Ruas, que no fim da missa fêz uma brilhante alocução, realizou-se, na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Rafaela Bravo Sanches, interessante filha da sr.^a D. Maria Antónia Sanches Bravo e do sr. D. António Bravo Gomes, já falecido, com o sr. António da Silva Tavares, filho da sr.^a D. Maria do Rosário Delgado e Silva Tavares, já falecida, o do sr. José Pires Tavares.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, sua mãe e o sr. engenheiro André Bravo, e por parte do noivo os drs. Amílcar da Silva Tavares e Abílio da Silva Tavares.

Terminado o acto religioso, foi servido, na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas inúmeras prendas de alto valor artístico, para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Pela sr.^a D. Jesuina de Castro Corrêa da Silva (Paço de Arcos) foi pedida para seu sobrinho, sr. Joaquim Belford Corrêa da Silva (Paço de Arcos), filho do sr. comandante Conde de Paço de Arcos, a sr.^a D. Maria Cândida da Silveira e Lorena de Magalhães Corrêa, gentil filha da sr.^a D. Maria Leonor da Silveira e Lorena de Magalhães Corrêa e do sr. contra-almirante Luiz António de Magalhães Corrêa, devendo o casamento realizar-se nos fins do corrente ano.

— Na capela da residência da sr.^a D. Maria Pereira de Lucena Alves do Rio de Barros e Sá e do sr. Rafael de Barros e Sá, realizou-se o casamento de sua interessante filha D. Rita com o sr. Luiz Augusto Machado Contreiras, filho da sr.^a D. Josefa Machado Con-



EM BAIXO: OS NOIVOS, SR.^a D. MARIA JOANA PÓRTO SOARES FRANCO E O SR. D. FRANCISCO XAVIER O'NEILL DE AVILEZ, SAINDO DA CAPELA PARTICULAR DO PALÁCIO DA JUNQUEIRA. EM CIMA: A NOIVA RODEADA DE ALGUMAS DAS SUAS AMIGAS QUE ASSISTIRAM AO CASAMENTO

treiras e do sr. João da Silva Contreiras, já falecido.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a irmã do noivo, sr.^a D. Maria do Carmo Contreiras Machado, e padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo, sr. João da Silva Contreiras.

Celebrou o acto religioso Monsenhor Fernandes Duarte, amigo íntimo da família do noivo, que fêz uma brilhante alocução, seguindo-se a missa resada pelo rev. Marques Soares, prior das Mercês.

Finda a cerimónia foi servido, no salão de mesa da elegante residência, um primoroso lanche, seguindo os noivos depois em automóvel para a quinta da Ribeira, perto de Tôrres Vedras, onde estiveram passando a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Para seu filho Álvaro, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Maria Guedes Portocarrero de Almeida Coutinho, espôsa do sr. dr. Albano Guedes, a sr.^a D. Maria Leonor Reis, gentil filha do brilhante pintor sr. Carlos Reis.

— Realizou-se na paróquia de S. José o casamento da sr.^a D. Ana Luciana Syder, interessante filha do falecido industrial sr. Joseph Horace Syder, com o sr. António Duarte Santiago, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, seus tios, sr.^a D. Maria Luciana da Silveira e o sr. Manuel Paulo da Silva, e por parte do noivo, a sr.^a D. Engénia do Amaral Esteves Pereira e o sr. Elias José de Barcelos.

Celebrou o acto religioso o irmão do noivo, rev. José Santiago, paroco em Linhares da Beira, que fêz uma alocução muito interessante.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Está justo o casamento da sr.^a D. Ida Gabriela Rodrigues Leitão, gentil filha da sr.^a D. Adelaide Amélia Andrade Leitão, já falecida, e do sr. António Rodrigues Leitão, antigo governador civil do Funchal, com o sr. António Centazzi Raposo Botelho, filho da sr.^a D. Alice Centazzi Raposo Botelho e do sr. João de Vasconcelos Raposo Botelho, ilustre ministro da Guerra da monarquia.

— Foi pedida em casamento pela sr.^a D. Alda de Oliveira e Silva Pais, espôsa do major sr. Castelino Pais, para seu filho Eurico, estudante de medicina, a sr.^a D. Manuela Bandeira de Melo, interessante filha da sr.^a D. Albertina Lopes Bandeira de Melo e do sr. engenheiro agrônomo dr. Octávio Bandeira de Melo.

O casamento deve realizar-se ainda este ano.

Baptizados

Realizou-se na paróquia de Santa Maria de Belém, o baptizado do menino Luiz Jorge, gentil filhinho da sr.^a D. Luíza Gomes Marques e do tenente do regimento de sapadores dos Caminhos de Ferro, em serviço no Batalhão de Bombeiros, sr. Joaquim Gomes Marques, servindo de madrinha a sr.^a D. Suzana Lisboa Oliveira Dores e Cunha e de padrinho o sr. Jorge José da Cunha.

Findo o acto religioso foi servido, na residência dos pais dos recém-baptizado, um finíssimo lanche.

— Na paróquia de S. Mamede, realizou-se o baptizado da menina Maria Matilde, interessante filha da sr.^a D. Maria José da Sylva Freire Teixeira Damásio e do sr. Eudíio Ferreira Damásio, tendo servido de madrinha a sr.^a Estefânia Serrano e de padrinho o sr. José Luiz Serrano.

D. Nuno.



chorros, dormem sobre sucos esverdeados de mirre; e no fim duma rua lateral, sombria de parietas, em guijas valentes corre a água viva, o solar surge, de súbito diante dos nossos olhos, com o ar ao mesmo tempo solene e carinhoso, majestoso e acolhedor, de todas as maneiras fidalgas do norte de Portugal. Está fechado, o aspecto é vetusto; as paredes amolecem ruína. É uma construção marça dos fins do século XVII, de largos euhabitos e silharia e toldados amourosos de quatro águas, formada por um corpo central, com o seu alpendre e enviastrado, apoiado sobre colunas de granito, e por dois corpos laterais, perpendiculars ao corpo principal, limitando um terreiro solarengo quasi todo occupado por uma escada nobre, exterior, que dá acesso a galeria alpendrada por uma porta aduiz cujo Intel repousa a pedra-de-arnas dos Castros-Meneses. A ala direita, constituida em parte pela saccha, tem no seu prolongamento, para as trazeiras do edificio, o antigo paco medieval, cujos restos se vêem ainda, representados por dois botareus pesantes e por uma janela geminada ogival, que olha, como uma vigia esperta, para as bandas de Espanha. Em volta, nada de particularmente interessante. Campos de milho, com o seu canastro abençoado pela tradição, e um jardim de pedra na empresa; um cipreste, no terreiro fronteiro, nota melancolica com um a muitos solares minhosos; uma urubana em cuja sombra se adivinham, pela grande porta aberta, manchas rivas e bulçosas de gado.

Subi a larga escada senhorial para ver melhor a paisagem. As montanhas longinquas, quasi tóxicas no declinar da tarde, os pinhais imoveis e verde-negros; as fatadas e os milhos alegres, por onde escorria a baba de ouro do sol, tudo parecia revesti-se duma serenidade vergulhada. Não se ouvia um ruido. Impressionado pelo silencio da natureza e pelo abandono daquele velho paco deshabitado, a retortar-me quando uma voz me interpellou:

— Deseja alguma coisa?
— Procurei com o olhar a pessoa que se me dirigia. Não vi ninguém. Quando desci a escada, um velho, vestido de negro, meio oculto na sombra, encostado a uma das grossas columnas de granito que suportam a galeria enviastrada, olhava interrogativamente para mim. Era um velho. Pálido, curvado, senil, por certo octogenário, a latina no fio, a volta branca do pescoço estarrapada,

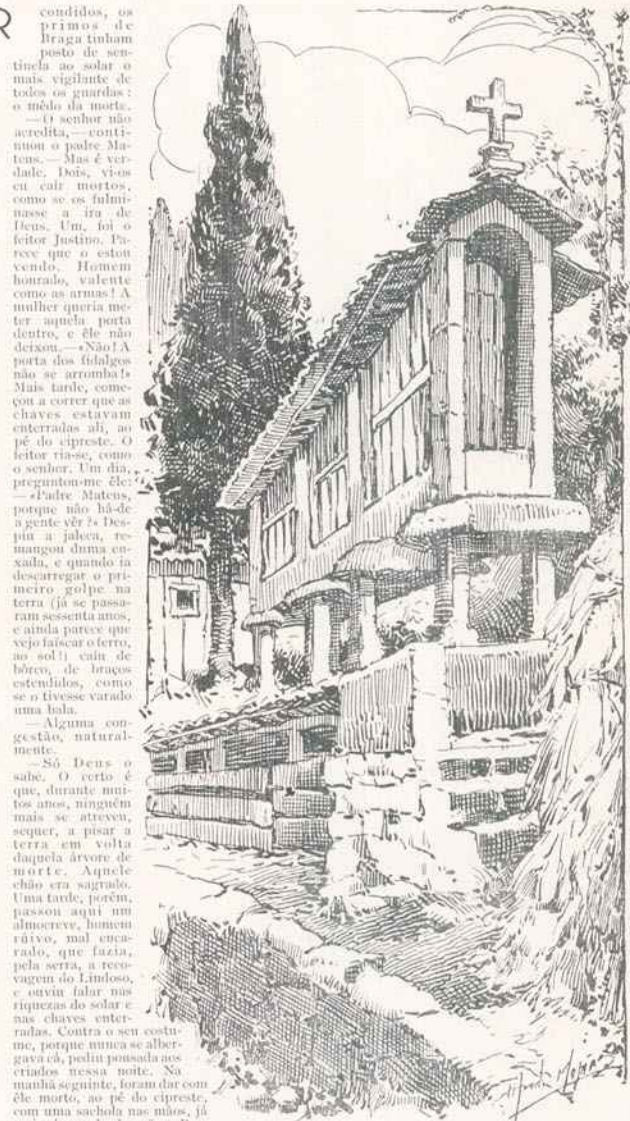
HISTÓRIA DUVELHO SOLAR

em chapéu mole, tão velho como elle, enterrado na cabeça, e com tanta por Juantas nos gatetos, e a vêr qui das duas ruínas desabava primeiro, se elle, se o solar.

— Mas de quem é este palácio, perdão-me a pergunta?
— Não pode.
— Está habitado?
— Pericaram-se as chaves há sessenta annos.
— Mas vossa reverência não vive aqui?
— Que lhe importa ao senhor a minha vida?
— O projecto suporleto filha razão. Eu viera petter, com uma escolta de criados armados, levaram em de que elle fazia parte integrante. Mas a hostilidade não, e não voltaram. Deram depois de arrendamento a um antigo feitor.

— Onde se encontra a casa?
— Morra. Morava n'uma casa, além a sidente. No solar, nunca mais ninguém entrou, há sessenta annos.
— Apreciam almas do outro mundo?
— Não senhor. Terderam-se as chaves.
— E, há sessenta annos, ainda não tiveram tempo para mandar fazer outras?
— Padre Matens, sentado no portal, de frente de mim, olhou-me longamente. A sua face perguntada pareceme mais pallida ainda. As mãos tremiam-lhe sobre os joelhos. Tirou do bolso um lenço vermelho de Alcobaca, passou-o pela testa onde berbulhava o suor, secudin a cabeça como a alugar um man pensamento, e depois de um demorado silencio, disse-me, encolhendo os ombros:

— Há coisas que porreem mais fácis do que realmente são. O senhor vê aquelle cipreste?
— Vejo.
— Pois dizem que as chaves estão enterradas ali.
— Nesse caso, porque as não desenterraram?
— Porque quem tentar desenterrá-las, morre.
— Não tende de deixar de sorrir.
— A convicção com que aquelle sacerdote octogenário, que devia sombever a villa, se fazia eco dessa lenda ingénua, chegou a entorpecer-me. A intenção dos herdeiros da morgada de Ruivães, ao inventar a história das chaves, era evidente. Não lhes convindo que alguém ali fosse, ou porque lá deixaram alfidias para não permitirem transportar, ou porque suspeitavam de que nas paredes, em debaixo dos soalhos, houvesse tesouros es-



condidos, os primeiros de Braga tinham posto de sentinela ao solar o mais vigilante de todos os guardas: — O senhor não acredita, — continou o padre Matens. — Mas é verdade. Pois, vobos eu cult mortuos, como se os fahimmasse a ira de Deus. Um, foi o feitor Justino. Parece que o estouvendo. Homem honrado, valente como as armas! A mulher queria meter aquella porta dentro, e elle não deixou. — Não! A porta dos fulhões não se arromba! Mas tarde, começou a correr que as chaves estavam enterradas ali, ao pé do cipreste. O feitor riu-se, como o senhor. Um dia, preguntou-me elle: — Padre Matens, porque não há de a gente vêr? Deserta a jaleira, resmungou duma enxada, e quando ia descarregar o primeiro golpe na terra (já se passaram sessenta annos, e ainda parece que vejo faiscar o ferro, ao sol!) caiu de braços estendidos, como se o tivesse comado uma bala.
— Alguma congestão, naturalmente.
— Só Deus o sabe. O certo é que, durante muitos annos, ninguém mais se atteveu, sequer, a pisar a terra em volta daquela árvore de morte. Aquelle eschio era sagrado. Uma tarde, porém, passaram aqui um almocrev, humenativo, mal encajado, que fazia, pela terra, a recevagem do Lindoso, e ouvin falar nas riquezas do solar e nas chaves enterradas. Contra o seu costume, porque nunca se albergava cá, pediu pousada nos criados nessa noite. Na manhã seguinte, foram dar com elle morto, ao pé do cipreste, com uma saccha nas mãos, já meio doverado dos vãos. Bem feito, que era um ladrão! Fotos foram os que eu vi. Mas houve outros. Um d'elles — moço de lavouro do feitor novo — ainda não se empurram dez annos sobre a sua morte. O feitor queria o paco todo para ceibeir, mas não se atreveu a fazer, por não meter, os chavetrões na terra. — «Voi lá eu, patrão!» — gritou o moço, travando da enxada. Estava ali, ao pé da arribana. Mul dos dois passos para a árvore, caiu por terra em convulsões, que parecia possessão do demónio — Deus me perdoe! — e, dois dias andados, dava o corpo a terra, no alito de Pa-

derne. Ora, o senhor quere vêr o solar, não é verdade? Pois bem. Vá buscar as chaves onde eu estoo, se é capaz.
— Ri-me, encolhi os ombros com a fácil superioridade das pessoas que não acreditam nestas coisas, del outro cigarro do padre Matens, e imlindos do assunto. Mas — confesso — apesar de ter a certeza de que, ao pé daquele cipreste, não se encontravam nenhuma chaves, eu ainda hesitaria antes de desbravar a terra para as procurar.



FIGURAS E FACTOS

O NOVO GOVERNO — No dia 5, pelas 17 e 30, PRESTOU O COMPROMISSO DE HONRA PERANTE O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA O NOVO GOVERNO, QUE É CHEFIADO PELO SR. DR. OLIVEIRA SALAZAR, COM EXCEÇÃO APENAS DOS SRS. DR. CESAR MENDES, MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, QUE AINDA NÃO CHEGOU A LISBOA, E DO SR. DR. ARMINDO MONTEIRO, MINISTRO DAS COLÓNIAS, QUE CONTINUA NA SUA VIAGEM OFICIAL PELAS POSSESSÕES ULTRAMARINAS, E DO SR. BRIGADEIRO DANIEL DE SOUSA, MINISTRO DA GUERRA, QUE NÓ ESSE DIA FOI NOMEADO PARA ESSE CARGO. EM SEGUIDA, OS TITULARES DAS DIFERENTES PASTAS DIRIGIRAM-SE PARA O MINISTÉRIO DO INTERIOR, ONDE SE REALIZOU O ACTO DE POSSE COLECTIVA. A NOSSA GRAVURA REPRESENTA OS NOVOS MINISTROS EM BELÉM



UM BANQUETE DE AVIADORES — NUM DOS RESTAURANTES DA CAPITAL REALIZOU-SE, NO SÁBADO, UM BANQUETE DE HOMENAGEM DOS PILOTOS CIVIS BIENETADOS EM 1931 À DIRECÇÃO DO AERO-CLUB E ÀS ENTIDADES OFICIAIS DA AVIAÇÃO. A MESA DE HONRA FICOU ASSIM CONSTITUÍDA: NA PRESIDÊNCIA, O SR. TENENTE-CORONEL JOÃO LUÍZ DE MOURA. À SUA DIREITA SENTAVAM-SE OS SRS. CORONEL JÉRIBER, MAJOR ALFREDO SINTRA E TENENTE-CORONEL ANTÓNIO MALA. E À SUA ESQUERDA, OS SRS. COMANDANTE RIGNOT, QUÍRY DE MONTELOLEY, ADIDO AERONÁUTICO FRANCÊS, E MAJOR PINHEIRO CORREIA. ESTES DOIS AVIADORES FRANCÊSES — JÉRIBER E RIGNOT — DE PASSAGEM POR LISBOA, FORAM OS VENEDORES DO «GRAND PARIS-TÉHÉRAN SEM ESCALA», E HAVIAM CHEGADO DE DAKAR E PARTIRAM NO DOMINGO, ÀS 7 HORAS DA MANHÃ, PARA FRANÇA, EM VÔO DIRECTO



EM CONCERTO — No salão do Conservatório Nacional de Música REALIZOU-SE, HÁ DIAS, A FESTA DO PROFESSOR DE CANTO DAQUELA CASA DE ENSINO E DISTINTO MAESTRO SR. ARYUR TRINDADE. COMO TODOS OS ANOS, FOI UM ACONTECIMENTO MUSICAL. DO PROGRAMA FAZIAM PARTE PEÇAS MUSICAIS, ALGUMAS EM PRIMEIRA AUDIÇÃO ENTRE NÓS. DA ORQUESTRA, SOB A REGÊNCIA DO HONRARIADO, FAZIAM PARTE OS PROFESSORES APRÍLIO ANTUNES, FERNANDO GIL, CARLOS SILVA, EDUARDO PEINOTO, JAIME SANTOS, CARLOS SAMPAIO, JOSÉ RAMOS, CARLOS DA FONSECA E SOTERO SIMARIA. NA PARTE DE CANTO DISTINGUÍAM-SE OS SEGUINTE AMADORES, JÁ CONSAGRADOS LÁ FORA E PELA NOSSA CRÍTICA: D. ISaura GARRIGA, D. RAQUEL BASTOS, D. ALMERINDA MONTEIRO, D. MARIA AMÉLIA MELO, D. MARGARIDA CERQUEIRA E OS SRS. MORGADO MAURÍCIO, TIYO PISTONE, MANUEL MAGNO E PEDRO CUNHA BELÉM



CONFRATERNIZAÇÃO — OS ENGENHEIROS DO CURSO DE 1921-22, DO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO, FESTEJARAM, HÁ DIAS, O 10.º ANIVERSÁRIO DA CONCLUSÃO DOS SEUS ESTUDOS, TENDO-SE REUNIDO NUM JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO, A QUE ASSISTIRAM, ENTRE OUTRAS PESSOAS, OS SRS. ENGENHEIRO DUARTE PACHECO, DIRECTOR DO INSTITUTO E ACTUAL MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS, CAETANO BELÍRIO DA VIEIRA, REPRESENTANTE DO CORPO DOCENTE DAQUELE ESTABELECIMENTO DE ENSINO, E CARLOS COSTA, REPRESENTANTE DOS ACTUAIS ALUNOS

deSPORTS

OS FACTOS DA QUINZENA

vezes caprichos extraordinários. Há dois anos, quando os mesmos adversários se defrontaram em Nova York, o alemão ganhou por desclassificação do americano, que lhe dera um sêco baixo, mas lórra durante o combate largamente dominado, merecendo a sua vitória ásperas críticas na imprensa de todo

êle merecia ganhar, sendo parcial e injusta a decisão dos árbitros.

Até parece o jôgo do ganha-perde!

A desclassificação do corredor francês Ladoumègue, declarado profissional pelos dirigentes do seu país, criou a estes um ambiente desgraçado na opinião pública nacional.

O escrúpulo tardio e exclusivo que os levou a tomar tão rigorosa medida, em vésperas dos jogos de Los Angeles, contra o único triunfo olímpico de que podiam dispor, não foi compreendido pelo meio desportivo nem alcançou as simpatias da imprensa da especialidade.

Nos campeonatos dêste ano, em Paris, durante as corridas de 1.500 metros, o público assobiou os federativos do atletismo e reclamou Ladoumègue «sur l'air des champions». Este, que se encontrava burguêsmente sentado numa bancada, foi alvo das maiores ovações, enquanto os seus antigos camaradas disputavam a prova no meio da mais absoluta indiferença.

No princípio de Julho corrente a Escola de Joinville comemorou o seu 24.º aniversário com um curioso festival, meio-desportivo, meio-retrospectivo, para o qual solicitou a colaboração de alguns dos seus antigos estagiários, de celebridade mundial. Entre estes figurava Ladoumègue.

Tanto bastou para que o público acoresse muito numeroso, desejoso de ver em pista o seu antigo ídolo.

Ora o popular campeão percorreu sem competidor, numa péssima pista, uns mil e quinhentos metros em menor tempo do que o feito na véspera pelo vencedor do campeonato de França da distância, no qua a luta foi acesa!

Os jornais, comentando o caso, lamentam uma vez mais o puritanismo intempetivo dos dirigentes, que sacrificaram o atletismo francês no altar de um amadorismo integral já sedigo, enquanto por todo o mundo as Federações congêneres fecham propositadamente os olhos aos desfiles finan-



SHARKEY, O NOVO CAMPEÃO DO MUNDO DE BOXE

o mundo, incluso o seu próprio país de origem. Todos diziam que Schmeling ganhando, merecera perder.

Agora, novamente em frente de Sharkey, Schmeling perde, e tôda a gente reclama que

No momento em que aparecerem estas linhas encontram-se já na América, ou vogam em pleno Atlântico, as delegações olímpicas das várias nações européas que concorrem aos jogos de Los Angeles. Mais ou menos numerosas, conforme a capacidade financeira de cada país ou o seu grau de desenvolvimento desportivo, tôdas elas levam consigo as esperanças de uma nacionalidade.

Portugal enviou também os seus representantes, na medida escassa das suas possibilidades, e agora, que êles abalaram na audaciosa aventura, passou a hora das críticas para chegar o momento das acusações.

O Comité Olímpico Português, entidade que assumiu a responsabilidade da escolha, adoptou um critério que merece ásperas censuras e não consegue ilibar-se de uma atmosfera de favoritismo e errada concepção técnica.

Não há um único argumento que justifique a escolha de dois representantes ao Pentatlo Moderno, prova em que não possuem a menor sombra de classe, e na qual não podem aspirar senão à disputa dos últimos lugares.

E para êles irem, para lhes permitir o passeio à América, que outra coisa não representa a sua selecção, seguem os atletas verdadeiramente olímpicos, como o sprinter António Sarsfield, abandonados a si próprios, sem um técnico a ministrarlhe os mil cuidados que são indispensáveis à manutenção de uma forma perfeita.

O dever do C. O. P. não consiste unicamente em assegurar a representação olímpica portuguesa, mas em garanti-la nas melhores condições de aproveitamento dos valores. Não o fazendo, falhou a sua missão e o caminho que está indicado aos seus componentes é ceder o lugar a pessoas de maior competência e melhor senso.

O título de campeão do mundo de box, na categoria máxima, mudou de possuidor. Após uma primeira tentativa infrutífera, o americano Sharkey foi agora declarado vencedor do alemão Schmeling.

A roda da fortuna gira sempre, e tem às



O GOLEO DA VITÓRIA NA «FINAL» DO CAMPEONATO DE ESPANHA



ANTÓNIO SARSFIELD, SELECIONADO OLÍMPICO EM 100 E 200 M., QUE NOS NACIONAIS PERCORREU OS 100 M. EM 10 S. 3/5

ceiros das «estrelas» nacionais.

O clássico torneio de Wimbledon despertou de novo no mundo do tennis o problema complicado da Taça Davis, e a incógnita do seu futuro detentor.

Após o campeonato de Paris pareciam os franceses assegurados da conservação do trofeu, dada a indiscutível superioridade de Cochet, a revelação do novo Lacoste e a mediania dos americanos inscritos. Wimbledon veio apresentar os factos sob um aspecto diferente; Cochet foi eliminado por um jogador de cotação inferior, manifestando uma vez mais uma perigosa irregularidade de forma, e o campeão da América, Vines, triunfou de todos os adversários com tão assombrosa facilidade que é impossível prever o que fará na sua frente o prestigioso Cochet.

É também verdade que, a compensar, a parrelha Borotra-Brugnon conseguiu vencer o campeonato de «Mendoubles», batendo com relativa facilidade o par americano da Taça Davis, Allison-Van Ryn. Mas esta vantagem não equivale à inferiorização de Cochet, e pode desde já prever-se, para o torneio da Taça Davis, uma final França - América, na qual o duelo Cochet-Vines decidirá da posse do trofeu.



O «SPRINTER» JOSÉ CARVALHOSA, OUTRO CORREDOR CREDITADO EM 10 S. 4/5

Os ingleses sofreram este ano nos seus campeonatos um cheque absoluto, pois não conseguiram um único título e figuraram apenas em duas finais.

O americano Vines

ganhou a final de singulares sobre o inglês Austin pelo score esmagador de 6-4, 6-2, 6-0. Na final de senhoras a americana Wills-Moody bateu a compatriota Jacobs.

Em pares masculinos Borotra-Brugnon ganharam aos ingleses Perry-Hughes em cinco partidas renhidas, 6-0, 4-6, 3-6, 7-5, 7-5. Dos quatro competidores foi Borotra o mais brilhante. A vitória dos pares femininos coube às jogadoras Metaxa (França), Sigart (Bélgica), sobre as americanas Ryan-Jacobs, e, finalmente o torneio mixto concluiu com o êxito da parrelha formada pela americana Ryan e o espanhol Maier sobre a belga Sigart e o australiano Hopman.

A prova de consolação, reservada aos jogadores eliminados nas duas primeiras voltas do torneio foi ganha por Cochet sobre o japonês Kuwabara.

De todos os vencedores é Miss Ryan a que mais habituada está aos louros de Wimbledon, pois é este o seu 17.º campeonato, tendo ganho pela primeira vez há vinte anos.



UMA BOLA FOTOGRAFIA DA ÚLTIMA PASSAGEM DE TESTEMUNHO NA ESTAFETA 1-X-100 M. DOS REGIONAIS, EM QUE SE DEMONSTRA QUE PÉRES E PÓRTO, EMPATADOS NA META, PARTIRAM A PAR

o Foot-ball Club do Pôrto cedeu terreno de tal maneira que o Belenenses, eletrizado pela actividade e pela classe do grande Augusto Silva, logrou o empate dentro do tempo regulamentar, a 4-4, e esteve a pontos de firmar uma vitória que os anais do foot-ball registariam como proeza famosa.

Antes do nosso, terminou em Madrid o campeonato espanhol de foot-ball, defrontando-se dois dos mais gloriosos clubs da nova república, o Atletico de Bilbao e o Barcelona.

A luta foi ardente e indecisa, afirmando os catalães, contra o presumível, uma superioridade técnica que os não impediu, porém, de perder o encontro pela diferença mínima de uma bola a zero.

O grande entusiasmo que o encontro despertava colheu na marcha do jogo completa satisfação, não desmentindo o valor consagrado do foot-ball espanhol.

Os campeonatos nacionais de atletismo disputados no Pôrto, na pista de cinza do Lima, resultaram numa das mais brilhantes jornadas do atletismo português. A prova de 100 metros, eliminatórias e final, assumiu proporções de acontecimento internacional, pelo valor dos competidores. Os cinco finalis-



O PORTUGUÊS PRATA DE LIMA QUE REPARTEU NOS NACIONAIS FAZENDO NOS 100 M. 10 S. 4/5

tas realizaram menos de 11 segundos, tempo notável; Sarsfield bateu por duas vezes o record nacional, alcançando 10 s. 3/5, Prata de Lima, Carvalhosa e Mário Pôrto rondaram pelos 10 s. 4/5, Uva Cansado percorreu a distância em 11 s. Se exceptuarmos a Alemanha, cujo campeonato foi ganho por Jonath nos mesmos 10 s. 3/5, nenhum outro país da Europa se pode orgulhar de uma competição do valor da portuguesa.

Nas restantes provas os resultados foram também apreciáveis, derrubando José Garnel o seu record do peso, e percorrendo Manuel Dias os 1.500 e os 5.000 m. em tempos que se aproximam dos mínimos portugueses.

A luta entre lisboetas e portugueses foi nitidamente favorável aos primeiros, que conquistaram a grande maioria dos campeonatos, sendo a equipe do Sporting a grande triunfadora com dez títulos dos dezanove em disputa.

Estes resultados fazem prever uma nítida vitória do sul no próximo Pôrto - Lisboa, tanto mais que o grupo norteño virá privado da colaboração de Sarsfield, ao tempo em Los Angeles.



O CAMPEÃO DE LISBOA MÁRIO PÓRTO QUE NESTA ÉPOCA FEZ 10 S. 4/5 NOS 100 M.

Salazar Carreira.

A C T U A L I D A D E S



MORTE DUM ARTISTA — No Pôrto faleceu, sexta-feira passada, o mestre pintor ARTUR LOUREIRO, ARTISTA DE GRANDE RENOME E QUE OBTVE MEDALHAS DE OURO NOS «SALONS» DE PARIS, LONDRES, BRUXELAS E MADRID. NOTABILIZOU-SE COMO PIAAGISTA E FOI PROFESSOR DA ESCOLA DE BELAS ARTES DE MELBOURNE (AUSTRÁLIA), ONDE VIVEU DURANTE MUITOS ANOS. EM 2 DE ABRIL, ÚLTIMO, FOI ALVO DUMA HOMENAGEM PÚBLICA NO SALÃO SILVA PÓRTO, POR TER SIDO AGRADECIDO COM O ALTO GRAU DE COMENDADOR DA ORDEM DE SANTIAGO.



UMA EXPOSIÇÃO — STUART CARVALHAI — O STUART DOS JORNÁIS — EXIBIU ALGUNS DOS SEUS TRABALHOS NO SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE IMPRENSA. A CRÍTICA FALOU E SÓ DISSE SEM LASTIMOU NÃO VER MAIS TRABALHOS DO CURIOSO ARTISTA DO LAPIS, MAS STUART NÃO PRODUZ PARA EXPOR, PRODUZ DIA A DIA, NERVOSAMENTE, DESENHOS PARA PUBLICAR. E FORAM ÊSSES, E SÓ ÊSSES, OS QUE MOSTROU AO PÚBLICO. DE STUART HÁ MAIS A ESPERAR. TODOS NÓS LHE RECONHECEMOS UM GRANDE VALOR, TÃO GRANDE, QUE ROÇA, DIZEMO-LO COM SINCERIDADE, PELO TALENTO. STUART TEM TALENTO.



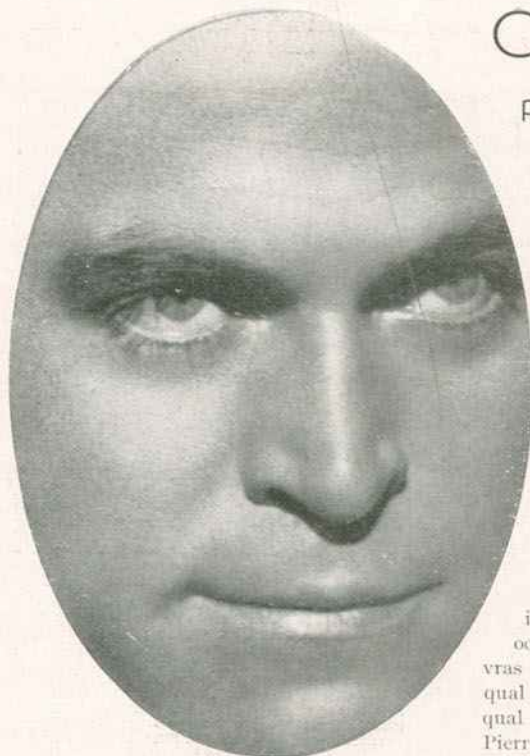
UMA HOMENAGEM — No Parque das Laranjeiras prestou-se, há dias, uma justa homenagem à memória do antigo administrador do Jardim Zoológico, o grande benemérito ADRIANO JÚLIO COELHO, SENDO DESCERRADO UM BELO BUSTO EM BRONZE, OFERECIDO PELO FILHO DO HOMENAGEADO, SR. ARMANDO FERNANDES COELHO. A CERIMÓNIA ASSISTIU O CHEFE DO ESTADO, TENDO À SUA DIREITA OS SRS. PRESIDENTE DO MINISTÉRIO E CORONEIS MARDEL FERREIRA E MIMOSO MAY E À ESQUERDA AS SENHORAS DA FAMÍLIA DO HOMENAGEADO E SEU FILHO, O SR. ARMANDO FERNANDES COELHO, QUE DESCERROU O BUSTO DE SEU PAI. FALOU O SR. MANUEL EMÍDIO DA SILVA, QUE TRACOU O PERFIL DO HOMENAGEADO, FAZENDO UM NOTÁVEL DISCURSO, AO QUAL RESPONDEU, AGRADECENDO AS REFERÊNCIAS FEITAS, O SR. ARMANDO COELHO. A CERIMÓNIA TERMINOU PELA LEITURA DO AUTO DE DESCERRAMENTO DO MONUMENTO.



NO GRÊMIO DE ARGANIL — Ao sr. dr. José Maria Dias Ferrão foi oferecido, no Grémio de Arganil, por um grupo de amigos e admiradores, um banquete de homenagem, não só às suas qualidades como aos altos serviços prestados àquela região, a que assistiram algumas centenas de pessoas, entre elas o sr. dr. Veiga Simões. Na gravura vêem-se alguns sócios e a direcção do Grémio, promotora da homenagem.

CINEMA

Revista das Estreias



CHESTER MORRIS



PHILIPS HOLMES

São muito raros os romances que, adaptados ao cinema, dão origem a obras de valor. Quasi sempre a adaptação foge ao espirito da criação literaria, modificando ao sabor da fantasia do realizador a intenção do romancista.

Mais raros são ainda, portanto, os casos em que uma mesma obra encontra duas adaptações por igual modo felizes e superiores — uma silenciosa, duma técnica ainda hesitante, mas emotiva e curiosa; outra sonora e falada, dum estilo vigoroso e empolgante.

É este afinal o caso que se deu com *Atlântida*, popular romance de Pierre Benoit e uma das obras mais divulgadas da literatura francesa. Duas vezes o vulgarizado entreccho desta aventura inverosimil inspirou, a realizadores de categoria, obras cinegráficas de grande valor.

Jacques Feyder realizou a primeira versão. O seu nome era então pouco mais do que ignorado. Este seu trabalho trouxe-lhe a celebridade. Largo tempo esse filme, que Napierowska, Jean Angelo e Georges Melchior interpretaram, foi recordado com saude por todos os que então tiveram ocasião de seguir ansiosos os seus lances emocionantes, servidos por uma técnica que, para aquele tempo, podia ser considerada impecável.

Feyder seguiu de perto o romancista nas suas divagações fantasiosas. A sua obra prendia pela análise subtil e espirituosa de mil e um pormenores. O seu filme era quasi a transposição directa em imagens das frases do escritor. O terreno encontrava-se inexplorado e o realizador deixou-se prender pela tarefa fácil de ilustrar o romance. Deve-se reconhecer, contudo, que o fez com grande poder de observa-

ção e seguro instinto de artista. Pabst chegou mais tarde, e isso dificultou a sua tarefa. Conhecido o trabalho de Jacques Feyder, era-lhe indispensável fugir ás suas sugestões, criar imagens novas, uma nova interpretação do romance que ia adaptar. E isso não é fácil, ainda mesmo quando o segundo intérprete da obra tem a personalidade vigorosa dum Pabst. Este conjunto de circunstâncias bastou, porém, para animar discussões em que os dois filmes foram cotejados e comparados, ao sabor da fantasia dos interlocutores. Para nós a questão é ociosa, e resume-se num jôgo de palavras sem fundamento. Não interessa saber qual das duas realizações é mais perfeita, qual se aproxima mais do espirito que Pierre Benoit pretendeu imprimir ao seu romance. O carácter dos dois filmes é de tal modo diverso, tão grandes são as distâncias técnicas e artisticas que os separam, que, à luz da razão, toda a ideia de os comparar se encontra excluída. Nem a recordação que dessa primeira versão conservamos todos nós, é por certo tão viva que possa fundamentar numa discussão séria as pretendidas vantagens ou deficiências do filme de Feyder.

O que há de mais atraente nos filmes de Pabst é a multiplicidade de manifestações do seu incomparável talento. Mantendo sempre uma unidade de ritmo em que é inimitável, o grande realizador alemão nunca repete em duas das suas obras um estilo, uma frase, que impondo a sua personalidade poderiam também implicar esgotamento de faculdades criadoras. Pabst, como dissemos, não se repete. Aparte esse estilo sintético, em que a sugestão substitue a análise, não é possível

CAIOLE LOMBARA



encontrar nada de comum entre este seu filme e *Tragédia da Mina* ou *Quatro de Infancia*, para citarmos apenas os últimos.

O argumento em que se baseou este último trabalho de Pabst está longe de ser excelente. De facto, a aventura do capitão Morlange e do tenente Saint-Avit tem tanto de inverosimil como de convencional. Pabst assim o compreendeu e relegou tudo o que forma parte integrante do entreccho para um plano secundário. O que seduziu o seu talento de ordenador de imagens foi o deserto. A esse cabe o grande papel do filme. Antinã é apenas uma miragem, a atracção illusória e perversa da imensidade de areia. Assim, as cenas decorridas no deserto contam-se entre as melhores do filme. A fotografia dessas solidões de areia atinge o mais alto poder de sugestão que qualquer obra nos tem proporcionado. Irradia dela essa estranha

a fatal sedução do deserto, a reverberação intensa dum sol implacável, a sensação dolorosa duma sede inextinguível e mortal.

Mas onde o inconfundível talento de Pabst mais se afirma é na escolha e na direcção dos seus intérpretes. Brigitte Helm é descoberta pela segunda vez para o cinema. Porque a actriz que Pabst moldou ao sabor do seu critério artistico nada tem de comum com a que Fritz Lang nos revelou em *Metropolis*. A sua beleza tem um carácter irreel, longínquo. Os restantes interpretes satisfazem, sobretudo Pierre Blanchard e Sokoloff, o admirável *hetman* da cõrte de Antinã.

Manuel L. Rodrigues.

CINEMA

Imagens da América



ANNA MAY WONG

DURANTE muitos anos a América manteve no mundo a supremacia da sua produção cinematográfica. Ninguém produzia filmes como os americanos, ninguém sabia como eles unificar, dentro dum aperfeiçoado grau, a técnica das suas obras.

Podemos hoje afirmar-se com plena consciência que essa supremacia acabou. O filme americano já não é o preferido do público, o que bate os records da receita. As próprias estrelas de além-Atlântico começam a ofuscar-se, perdem o brilho, e à parte uma ou outra mais famosa, tornam-se nomes sem significação para as plateias da Europa.

Em contraposição, a produção europeia, representada sobretudo pelas indústrias francesa e alemã de cinematografia, elevou nos últimos anos o seu grau de perfeição técnica, aproximou-se de mentalidade do público europeu dando-lhe obras duma maior elevação e conquistou por consequência um lugar de que não julgamos possível desalojá-la, ainda que o cinema deixasse de ser sonoro e a prosperidade económica voltasse de novo a brilhar lá para as bandas do Novo Mundo. O seu predomínio era, de resto, lógico e necessário.

A-pesar, porém, dos seus malefícios, da sua influência tantas vezes nefasta à formação duma cultura e dum espírito europeus, o cinema americano tem o mérito deveras notável de nos dar um reflexo da civilização americana, que não hesitamos em considerar exacto. Prestemos-lhe também a justiça de reconhecer o seu papel de precursor, pois, a ele se deve a libertação da arte dos seus primitivos moldes acanhados e a surpreendente revelação do movimento e das suas possibilidades.

Mas é, sobretudo, como documento revelador da civilização americana que o cinema nos interessa. Para quem, como nós, não conhece a Amé-

rica, esse grande continente que evoluiu vertiginosamente para uma monstruosa civilização industrial, desperta sempre um vivo interesse. Este interesse não é, devemos dizê-lo, formado apenas de simpatia. Para um latino a América não é objecto de simpatia; é motivo de curiosidade. As maravilhas da sua engenharia excitam a nossa imaginação, mas a simples fotografia dos seus arranha-céus dá-nos a sensação intolerável do isolamento. Depois as suas histórias de bandidos e contrabandistas de álcool, o seu culto da audácia e da *chance*, que faz de cada americano um jogador capaz de tudo para se tornar milionário, o seu gosto vulgar que a leva a industrializar tudo, desde a arte aos sentimentos, mais contribuem para reduzir o nosso interesse a simples questão de curiosidade. No que lá talvez — não hesitamos em crê-lo — uma parte de incompreensão.

Muitas vezes nos dedicamos a esse fácil jôgo de espírito que consiste em descobrir nas produções do cinema americano o reflexo das verdadeiras características do país que lhe deu origem.

Um filme, que é uma das obras marcantes do cinema, lança sobre a tragédia do americano obscuro uma luz de análise verdadeiramente extraordinária. Referimo-nos a *Multidão* de King Vidor. Um dos elementos dramáticos desta obra é especificamente americano — a ânsia devoradora de êxito, o desejo irreprimível de fortuna. O outro, a multidão inconsciente e insensível, também existe na Europa. Mas em parte nenhuma o seu egoísmo se revela brutal e egoístico, como na América. Porque em parte alguma também a luta pela vida é tão rude e impiedosa. Esse continente vastíssimo, assaltado por milhões de aventureiros e ambiciosos de todo o Mundo, é o teatro duma luta

MAURICE CHEVALIER



JUDITH WOOD

cruel que não descansa, em que os fortes triunfam, como banqueiros ou como *gangsters*, e os fracos são, simplesmente, eliminados.

Tôda essa literatura cinematográfica sobre os *gangsters* e *bottleggers* é também um valioso documento sobre os recessos misteriosos da civilização *yonkee*. No seu desejo de captar o interesse do público os americanos são conduzidos a dar-nos filmes em que denunciam aquilo mesmo que fingem ignorar — que a Fôrça suplanta, no Novo Mundo, o Direito e que o crime pode mais que a Justiça. E isso é tanto assim que em Nova York poucas pessoas se atrevem a recusar uma esmola, a um transeunte que a solicita. A mão que pede oculta, muitas vezes, uma *browning* cuja pontaria nunca falha.

Ainda recentemente quando *Scarface*, o último filme de *gangsters* realizado, foi exibido em Chicago, uma violenta comoção se produziu na assistência. E que algumas cenas do filme eram a reconstituição quasi rigorosa de cenas que pouco antes haviam ensanguentado as principais ruas da grande cidade. Alguns bandidos montados em automóvel e armados de metralhadoras

fusilaram uma multidão indefesa sob as vistas duma polícia impotente. Por aqui se vê que os produtores de filmes não exageram e que a censura americana, mandando modificar o título para *Scarface, vergonha duma nação*, faz confissão plena dos aspectos trágicos da sua civilização.

Tal é o aspecto que nos oferece o cinema americano, reflexo da vida dum grande país que vive a sua época de barbarie entre gigantescas floreações de edifícios e maquinismos.



SPANKY MACFARLAND, UM PRINCIPANTE E...

Após cinco minutos de considerações, dois homens são de espírito acobim sempre por concordar que o amor é um absurdo e que é bem lamentável que uma fatalidade irrefrível nos conduza a fazer dele o fim principal da existência.

Ignoramos a que conclusões chegaríamos em idêntico caso duas mulheres dotadas da faculdade de pensar. Possivelmente a mesma. O que não obsta a que, após tantos séculos de penosa evolução, a humanidade nada mais tenha encontrado na vida digno de despertar o seu interesse e de agitar os seus sentimentos.

Que admira, pois, que o amor ocupe no cinema uma tão magna importância?

O cinema é um reflexo da vida. Fêz-se para saciar de imagens reais e fugitivas a imaginação dos homens. E no íntimo de todos eles vive, inconsciente ou desperta, a necessidade do amor.

E, pois, para responder a esse obscuro desejo de todos nós que Chevalier estreita nos seus braços a figura delicada de Jeanette MacDonald; que John Gilbert beijava Greta Garbo; e que Charles Farrell ergue nos seus braços robustos a figura frágil e graciosa de Janet Gaynor.

Merce, por isso, um pouco do nosso respeito o momento cheio de gravidade em que duas cabeças em primeiro plano se unem pelos lábios num beijo que é o ponto final do filme.

Por nossa parte, não sabemos resistir à tentação de divagar um pouco sobre o que se passará nesse mesmo momento dentro do crânio calvo que brilha na obscuridade da sala na fila de cadeiras fronteira à nossa.

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

Beijos em "close up"

Porque esse beijo, que passa como uma visão, é o reflexo dum que vive dentro de nós — daquele que nunca se chega a dar...

Rehabilitemos, pois, o beijo em close up, de que o nosso snobismo tanta vez tem sorrído injustamente! — M. R.

Os cinéfilos que se dedicam à telefonia sem fios poderão ter, em breve, a extraordinária oportunidade de conhecer a voz de Charlot.

O grande mudo vai falar. Mais do que isso — vai cantar. Na cerimônia da inauguração de Radio City, em Nova York, anuncia-se que Charlot cantará algumas das suas canções. O génio do cinema propõe-se, pois, deffrontar o microfone. Será curioso saber como este se comporta em face da sua celebridade.

Para os partidários do cinema sonoro isto vai decerto

afigurar-se uma conquista, a primeira manifestação dum espírito de transigência. Para os defensores ferrenhos do cinema silencioso, um facto sem grande significação. Muitos d'elles não deixarão até de desejar intimamente que Charlot diga algumas palavras sobre a suposta inferioridade artística do cinema sonoro.

Seja como for, a verdade é que, em breve, o Mundo ouvirá a voz de Charlot disseminada em ondulações pelo espaço.

Felizmente para elle, Charlot não ouvirá o Mundo. Porque esse não lhe perdoará, estamos certos, que o cómico genial seja um cantor medíocre.

Nenhum género de cinema foi tão prejudicado com o advento do sonoro como o dos filmes cómicos.

O caso, na sua generalidade, não tem uma exploração fácil e aceitável. Mas não são por isso menos evidentes os seus efeitos.

O reinado das talkies teve, em primeiro lugar, como consequência o afastamento, talvez definitivo, de Charlot.

De facto, afastada a hipó-

tese improvável de Charlot proceder ao inverso das suas numerosas afirmações e aderir ao fonocinema, só se affigura possível que se dedique no futuro a dirigir a realização de filmes. Outro filme no género de *Luzes da Cidade* estaria condenado de ante-

mão a um fracasso. Os conceitos estéticos de Charlot nada poderão em face duma evolução no gosto do público.

Harold Lloyd, outro dos famosos «reis do riso», também deminuiu a sua produção dum modo considerável. O número dos seus filmes falados é escasso, por enquanto. Terminou agora *Movie Crazy* que, com alguma liberdade, podemos traduzir por *A mania do cinema*. Mas antes de iniciar este filme havia já alguns meses que se conservava inactivo.

O único dos grandes cómicos que se tem mantido em plena actividade é Pamplinas. De facto, o popular Buster Keaton tem produzido uns após outros grande número de filmes, alguns dialogados em espanhol como *Em frente, marche!* Mas a qualidade dos seus filmes decaiu sensivelmente. Pamplinas distanciou-se demasiado do género tão particular de *Três idades*, *O Navegante*, etc. Para mais a sua voz aflautada, conquanto ajustável à sua figura estranha, rouba um pouco do poder de sugestão a essa fisionomia imobilizada de tão trágica comicidade.

A que atribuir estes factos?

Conhecemos um pessimista que vê em tudo isto consequências e sintomas da crise que tortura o Mundo.

E daí, talvez a nossa civilização tenha perdido a vontade de rir...



...JACKIE COOPER, UM CONSAGRADO



251 — OS PATOS DO LAGO — (Foto do sr. Manuel Alves Serejo — Coimbra)

Concurso
Fotográfico
entre
amadores
ORGANISADO
pela
"Ilustração"



255 — LUTA PELA VIDA — (Foto do sr. dr. Armando de Basto — Lisboa)



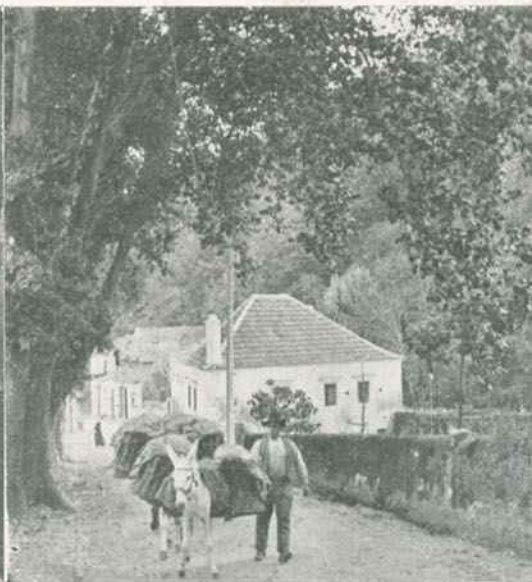
252 — PASTANDO — (Foto do sr. Aureliano Carneiro — Fiana do Castelo)



256 — A AVENIDA DE NOITE — (Foto do sr. M. O. N. — Lisboa)



253 — CAMINHO PARA A FONTE — (Foto do sr. Mário Reis Martins — Guarda)



257 — TRECHO DE COLARES — (Foto do sr. A. Aranjo Sousa — Lisboa)



258 — PELA ESTRADA FORA... — (Foto do sr. José Alves Pinheiro — Aveiro)



254 — CONTRA-LUZ — (Foto do sr. Manuel Dias Ferreira — Lobito)



259 — GAIYOTAS NO TEJO — (Foto do sr. Fernando Silva Dias — Campo Maior)



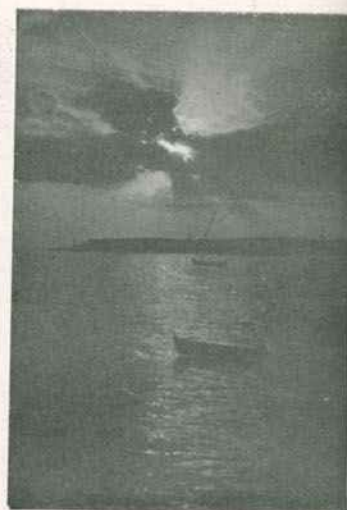
260 — JANELA DO CASTELO — (Foto do sr. Fernando Silva Dias — Cúmpo Maior)



264 — EM ALCOBAÇA — (Foto do sr. José Paulo Fernandez Júnior — Abrantes)



265 — AGUILA — (Foto do sr. Leite Pinto — Lisboa)



269 — POENTE — CASCAIS — (Foto do sr. P. Fernandes Lobo — Lisboa)



261 — LUAR DA MEIA NOITE — (Foto do sr. Raúl Lemos — Abrantes)



270 — CARÍCIAS DE AMIGÓ — (Foto do sr. Manuel Alves Sereano — Coimbra)



262 — SALINEIRA — (Foto do sr. Manuel Abreu — Coimbra)



266 — MADRUGADA — (Foto do sr. P. Fernandes — Funchal)



271 — CLAUSTRO DA SÉ VELHA DE COIMBRA — (Foto do sr. J. S. Brandão — Lisboa)



263 — MARGENS DO TEJO — (Foto do sr. João Mendonça (Jovane) — Lisboa)



267 — PAISAGEM — (Foto do sr. Raúl Lemos — Abrantes)



268 — SOMBRAS NEGRAS — (Foto do sr. Relis Gonçalves — Lisboa)



272 — ENTRANDO NO MAR — (Foto do sr. A. Valle d'Almeida — Lisboa)



273 — RECANTO RÚSTICO — (Foto do sr. João Rosa — Lisboa)



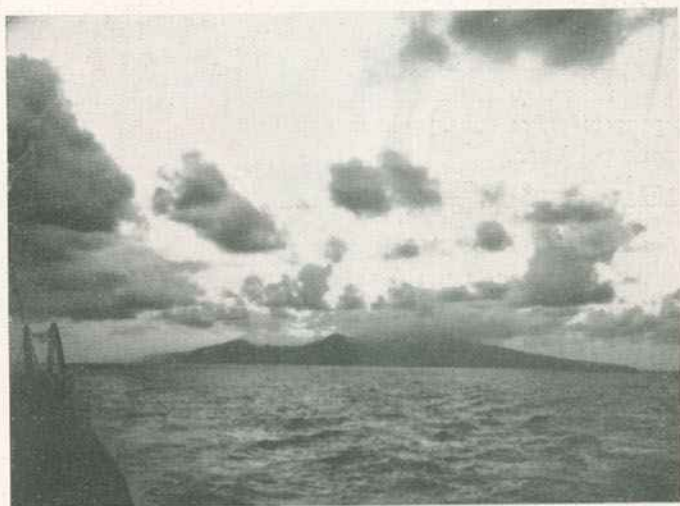
276 — A CAMINHO DO MERCADO — (Foto da sr.ª D. M. Sarah do Canto e Castro Serrano — Lisboa)



279 — MOCIDADE E FLÔRES — (Foto do sr. Idvor Pereira de Mendonça — Borba)



274 — UM DIA DE CALOR — (Foto do sr. João Firmino Dias — Tavira)



280 — ILHA DE S. MIGUEL AO PÔR DO SOL — (Foto do sr. Francisco Carvalhal — Lisboa)



275 — UMA SETEIRA — (Foto do sr. Fernando Batalha — Lisboa)



277 — DEMANDANDO A TARRA — (Foto do sr. Manuel Abreu — Coimbra)



281 — BARCO AO MAR — (Foto do sr. Manuel Abreu — Coimbra)



278 — CÂMARA MUNICIPAL — (Foto do sr. A. Vale — Luanda)

Aos concorrentes:

Temos em nosso poder cerca de oitocentas provas fotograficas que serão publicadas até dezembro.

O sorteio para os prêmios — que são numerosos — far-se-ha, conforme se anunciou, pela **Lotaria do Natal**. Entre eles destaca-se um esplêndido **Cine-Kodak** oferta da acreditada **Casa Kodak** que será o 1.º Prêmio de Originalidade e Perfeição. Haverá ainda outro 1.º Prêmio, chamado **Prêmio da Sorte**, para a fotografia, cujo numero de publicação seja igual aos três algarismos finais do numero contemplado com a **Sorte Grande**.



à pesca

O Israel tinha um sobretudo tão velho e tão esfarrapado que até os filhos, quasi tão económicos como o progenitor, se envergonhavam de safr com o pai à rua.

—É preciso comprar um sobretudo novo, disseram os rapazes.

—Ainda está muito bom e hoje um objecto destes custa um dinheirão, voltou o Israel.

Então, os filhos, foram a um alfaiate e pediram-lhe para pôr na montra um sobretudo de quatrocentos escudos com uma etiqueta de cento e vinte. Levaram o pai a passar pela frente da montra e mostraram-lhe a pechincha.

—Efectivamente é barato, disse êle, e entrou e comprou o sobretudo.

Os filhos, em segredo, pagaram a diferença.

No dia seguinte, Israel voltou a aparecer com o casaco velho e esfarrapado.

—Ó pai, disseram os filhos horrorisados, então comprou um casaco novo para voltar a vestir êsse farrapo?

—Calem-se! Nem vocês sabem o grande negócio que eu fiz. Encontrei um pateta que me deu duzentos e quarenta mil réis pelo sobretudo... Um lucro de 100 % em 24 horas. Isto é que são negócios!

Pergunta o namorado :

—O que queres que te dê no dia dos teus anos?

Responde a namorada :

—Uma coisa para o pescoço.

E o namorado deu à namorada uma caixa de sabonetes...

No colégio :

O professor — Quantos são seis e três?

O aluno — São doze.

O professor — Pense bem. Seis e três?

O aluno — São oito.

O professor — Não diga tolices. Seis e três são nove!

O aluno — Ah! sim! E então quatro e cinco, quantos são?

Um sub-delegado de saúde vai visitar uma aldeia :

—E a mortandade neste povo, a quanto monta? Vinte por cento?

—Não senhor, Vinte por auto.

Dizia um romancista :

—Os meus livros vendem-se como pão.

—A pêzo?

Na Companhia de Seguros :

—Venho fazer um seguro.

—De vida ou de incêndio?

—Os dois. Não vê que tenho uma perna de pau...

Um toureiro foi ao funeral do senhorio.

—Que tal correu o entêrro? — perguntou a mulher quando o diestro voltou para casa.

—Um êxito. Só te digo que saíu em ombros!

Em francês escreve-se *matin* e lê-se *mátan*, em inglês escreve-se *life* e lê-se *laife*, e em português escreve-se cinco tostões e lê-se uma *corôa*.

Na loja das meias :

O freguês — Então você diz-me que as meias são de lã e aqui na etiqueta está escrito que são de algodão?...

O caixeiro (em segredo) — Isso é para enganar as traças.

—Então tu não jogas?

—Acabei com êsse vício quando perdi a minha mulher.

—E a que jôgo é que a perdeste?

—Que diferença há entre um preto e um branco?

—O preto, por mais que se lave nunca fica branco, e o branco, se não se lava, fica preto.

Um homem, quando confessa um roubo, pode perder a liberdade por três anos; mas se confessa um amor, perde-a por toda a vida.

—Deus fêz o primeiro homem.

—E o primeiro que fêz o segundo foi matar o terceiro.

Morre um milionário e, no dia do entêrro, aparece um sujeito a chorar copiosamente.

—Porque é que o amigo está a chorar, se não é da família?

—Pois é por isso mesmo.

Lia-se num anúncio :

«Viúvo, com fortuna e com cinco filhos, deseja casar-se com menina solteira nas mesmas condições.»

Contava um actor :

—Na noite em que estreiamos em Viseu estavam oito pessoas na plateia que, quando acabou o primeiro acto, patearam a peça.

—E o que fizeram os artistas?

—Viemos todos para o palco; éramos vinte e três e pateámos e assobiámos o público, com tanta força, que êle saiu corrido do teatro.

Um juís muito bondoso, pergunta ao réu :

—Já foi condenado alguma vez?

—Nunca, senhor juiz, — diz o réu a chorar como uma criança.

—Está bem, não chore, porque desta vez é condenado com certeza.

—Qual foi o maior milagre que Deus fêz?

—Que as mulheres dos peixes fôsem mudas.

O pescador — Lino Ferreira.

...Vida Feminina

O primeiro cuidado de uma mulher que casa, que constitui um lar, deve ser o de embelezar o ninho onde se abrigará a sua felicidade e, tornando bonita a casa, tornando-a graciosa e atraente, prender nela o marido que, ao vêr-se numa casa cômoda, agradável e cheia de conforto, necessariamente toma gostos caseiros e saberá apreciar a fada que lhe torna o ambiente agradável e cômodo, e é uma das maneiras que a mulher tem de assegurar a felicidade do marido, fazendo a sua própria. E, para uma mulher de gosto e de alma bem feminina, não pode haver entretenimento, que mais a interesse, do que embelezar a sua casa.

Antigamente, quem dispunha de dinheiro e punha casa, chamava o estofador, que se encarregava de tudo organizar. E ficavam bonitas, às vezes, as casas, mas sempre frias e sem o cunho pessoal que torna tão interessante uma casa habitada por pessoas de gosto. Não há casas mais graciosas do que

aquelas que, pouco a pouco, se vão arranjando com móveis, que se vão escolhendo e dispendo nos sítios, para que são comprados. São

essas casas onde, muita vez, se não gasta muito dinheiro, que têm um muito maior interesse. E hoje, para ter uma casa, graciosamente bonita, não é preciso ser rico, basta ter gosto e o desejo de arranjá-la a casa. Não se podem forrar as paredes a seda ou a papéis caros, jorram-se a papéis baratos, alegres e bonitos. Não são precisos muitos móveis. Uns cômodos «divans», que se se não podem forrar a damasco se forram com «cretonnes» claros e alegres. Muitas almofadas. Uns móveis simples e cômodos e tem-se uma casa gentil e acolhedora que, pouco a pouco, mais bela se vai tornando, com uns bonitos «abat-jours» que, com graça e elegância, a dona da casa faz, uns «panneaux», bordados, uns «nap-perons», êsses pequenos nadas que indicam uma presença feminina e que dão o aspecto habitado e tratado a uma casa. E, muitas vezes, uma casa modesta e simples, mas arranjada com graça e leveza, é mais bela e atraente do que um palácio ricamente mobilado, mas onde se não note o carinho de uma mulher no alindamento da casa. É preciso que a mulher, hoje mais do que nunca, compreenda qual é a sua missão na vida e que não deixe de se interessar pelo que é verdadeiramente do seu domínio, e que, deslumbrada pela falsa miragem da liberdade feminina, não abandone os encargos que a natureza lhe destina, que são as suas verdadeiras funções, e que a dignificam em vez de a diminuir, como há muitas senhoras que, não compreenderam o que deve ser a mulher moderna e que pensam que o ocupar-se, com desvelo, da casa, embelezando-a com a natural «coquetterie» da mu-



lher, é inferiorizar-se. É o maior erro que pode cometer uma mulher. Casada ou solteira, viúva ou divorciada, a mulher moderna, ainda que tenha um curso, que trabalhe para ajudar o marido ou para se manter a si própria, ainda que exerça cargos, muitas vezes, pouco compatíveis com a índole feminina, logo que entra a sua porta e que está em sua casa, deve só lembrar-se de que é mulher e que mais feminina tem ainda que ser, para fazer esquecer ao marido ou aos que a rodeiam a sua vida exterior, que não é das mais encantadoras para um delicado espírito de mulher. Através da vida moderna, uma senhora deve manter sempre a sua feminilidade e ser sempre uma boa dona de casa, merecendo-lhe esta todos os seus desvelos e todo o embelezamento que torna o lar encantador.

Maria de Eça.

Modas

As modas verdadeiramente *chics* são as usadas pelas elegantes dos diversos países e damos hoje o retrato de Miss Brigide Boulett, uma das mais lindas meninas da sociedade inglesa, com um dos vestidos expressamente criados para ela e, com o qual, obteve um retumbante sucesso numa das mais belas festas da *season* de Londres, êste ano. O vestido, em setim cor de rosa extremamente pálido, é guarnecido a lindas rendas de Bruxelas, em tom crème. Um cinto, em veludo rubi, é fechado com dois lindos cravos rosa em veludo. É uma *toilette* de luxo e elegância, que faz sobressair a figura escultural da jovem *miss*, que é, incontestavelmente, uma das belezas londrinas. Notou-se muito, êste ano, o uso das rendas, como guarnição dos vestidos, e apareceram rendas antigas de subido valor, que davam às *toilettes* uma sumptuosidade do melhor gosto. Não há, como as rendas, para guarnecer com leveza os vestidos, sem os tornar pezados ou excessivamente guarnecidos.



Mulheres portuguesas

ENTRE as escritoras, quasi dos nossos dias, avulta a figura brilhante e distinta de D. Maria Amália Vaz de Carvalho. É uma figura de ontem, porque já não existe. Mas é uma figura de sempre, porque o seu espírito, de um invulgar talento, deixou, na sua obra, bem vincada a força da sua inteligência e da sua forte individualidade. Foi fértil a sua obra. Foi poetisa, foi crítica, foi jornalista, foi romancista e foi educativa. E acima de tudo, através de tudo, foi feminina, senhorilmente feminina. Há nos seus escritos bem marcada a senhorilidade do seu espírito encantador, mas uma das feições mais interessantes do seu talento é, sem dúvida, a educativa. Nas *Cartas a uma noiva*, ela tem páginas sublimes e, ainda hoje, elas deviam ser lidas pelas raparigas portuguesas que estão para casar; apesar da grande modificação que a vida social sofreu, a obra de D. Maria Amália é ainda oportuna. De um bom senso extraordinário, de uma clarividência enorme, a grande escritora ensinava às raparigas de então o caminho a seguir, que seria, ainda hoje, muito racional que as mulheres seguissem. Nas *Crônicas de Valentina*, o seu espírito cintilante faz-nos vibrar e viver a vida daquela época. De colaboração com seu marido, o grande poeta Gonçalves Crêspo, fez um interessante livro para as crianças, *Contos para os nossos filhos*. Pode dizer-se que tocou todas as teclas da literatura. De uma grande distinção de trato, foi uma verdadeira senhora de sociedade, e o seu trato encantador atraía-lhe todas as simpatias. Os seus livros devem ser lidos por todas as senhoras

portuguesas que gostam de ler e que sabem fazer uma escolha nos livros que lêem. Nada há nos seus livros que não seja perfeito, desde o estilo às ideias. É uma figura brilhante da literatura feminina portuguesa, que devemos sempre recordar e aureolar de uma comovida admiração.

"Toilette," de passeio

DAMOS hoje à apreciação das nossas leitoras uma original e interessante *toilette* de passeio. Em *georgette* de lã azul escuro é acompanhada por uma blusa em seda xadrez azul, vermelha e branca. De uma grande originalidade, esta blusa tem uma graciosa *écharpe*, que ata ao lado, formando uma bonita guarnição. O casaco, forrado da mesma seda, é *trois quarts* desse comprimento, que tão bem fica à mulher, tornando mais *élancée* a sua esbelta *silhouette*. Luvras e chapéu brancos completam esta *toilette*. O chapéu é um pequeno *brelon*, a forma preferida esta estação, guardado com uma fita em *gros-grain*, que forma uma bonita laçada atrás. A carteira é em couro azul escuro, da mesma cor da fazenda do vestido. Cada vez mais em moda o acabamento da *toilette*, absolutamente do mesmo tom. É isto o que faz hoje a grande elegância.

Para viver muito

UM médico alemão ditou os seguintes preceitos:

- 1.º — Estar o mais tempo possível ao ar livre e ao sol, especialmente fazendo movimento e fazendo todos os dias um grande passeio.
- 2.º — Comer carne uma vez ao dia e em pequena quantidade. A alimentação deve consistir, principalmente, em leite cru de vacas ou cabras sãs, ovos, cereais, hortaliças, manteiga, queijo e fruta. De três em três meses, não comer carne um mês. Mastigar bem o alimento.
- 3.º — Tomar todos os dias banho e todas as semanas — se o aparelho circulatório o permitir — um banho de vapor.
- 4.º — Todas as semanas tomar um laxativo.
- 5.º — Usar vestuário poroso e, preferivelmente, roupa de baixo de algodão. O colarinho largo, o chapéu e os fatos de verão de cor clara, de inverno escura, sapatos de tacão baixo.
- 6.º — Deitar cedo e levantar cedo.
- 7.º — Dormir com a janela aberta, num quarto escuro e silencioso. A duração do sono, que não seja menos de seis horas e meia; para um homem, não dormir mais de sete horas e meia; para uma mulher, oito horas e meia.
- 8.º — Repousar todas as semanas um dia, completamente. Sendo possível, ir de sábado a segunda-feira para o campo ou para a montanha.
- 9.º — Evitar as agitações e emoções. Não falar de coisas desagradáveis. Não se preocupar com o que é impossível, nem com o que pode acontecer. Ter força de vontade.
- 10.º — Evitar a intemperança. Casar ou, em caso de viuvez, repousar.
- 11.º — Evitar os lugares aquecidos com caloríferos e má ventilação.
- 12.º — Não abusar do álcool, do tabaco, do café e do chá.

Estes preceitos seriam ótimos se os médicos não mudassem tanta vez as suas teorias e, ainda que o tratamento faça bem e



se viva muito, como fazer, se o próprio médico está sempre mudando e apresentando novas receitas? E há uma coisa que também não está esclarecida. Diz que se deve ter força de vontade, mas não ensina como se adquire. E a força de vontade não a tem quem quere, mas sim quem com ela nasce.

A mulher e o desporto

ATÉ há pouco, a mulher portuguesa não se dedicava ao desporto, mas hoje em dia está absolutamente adoptado na vida da mulher moderna. Importado lá de fora, o desporto veio despertar da sua imensa indolência a mulher portuguesa, que hoje nada, rema, joga o *tennis*, o *golf* e que faz *gymnástica*. Assim, tem a mulher de alargar o seu guarda-roupa. Cada desporto exige a sua *toilette* e, uma mulher elegante, não joga o *golf* com o mesmo vestido com que joga o *tennis*. Damos hoje uma interessante *toilette* de *golf*, um vestido em *jersey*, do mais simples corte, apertado na cintura por um cinto em couro da cor do vestido. Uma gravata masculina ajusta a gola da simples blusa. Na algibeira do peito tem um gracioso bordado a lã. O chapéu, pequeno, tem a vantagem de não incomodar quando está vento, o que tanto succede, entre nós, nos nossos campos de *golf*.

Higiene e beleza

UMA das coisas que mais desgosta as senhoras são os pelos supérfluos, e com razão. Nada mais feio do que uma boca feminina sombreada por um buço viril ou uns braços peludos, que parecem de homem, ou ainda, umas pernas que, através das finas meias de seda, deixam ver longos pêlos ne-



gros. Não há mulher bonita que resista a uma desgraça destas, que destrói, por completo, a beleza feminina. O melhor tratamento é pela electricidade, mas há muitas senhoras que vivem em terras de província onde não têm facilidade de fazer esse tratamento e sofrem o desgosto de suportar toda a vida esse flagelo. É para essas, que damos a seguinte receita de depilatório, que podem fazer em casa: sulfureto de cálcio, 20 grammas; glicerado de amido, 20 grammas; óxido de zinco, 2 grammas; essência 5 gotas. Este pó amassa-se com um pouco de água e estende-se sobre os pêlos com uma espátula, deixando ficar uns minutos, ainda que se sinta uma impressão cáustica. Lava-se depois com água morna e tira-se a irritação produzida aplicando um pouco de pomada de óxido de zinco e pó de talco.

A mulher e o trabalho

As mulheres já não contam os seus sucessos, grandes e pequenos, na ardente luta que têm tido para a conquista da igualdade entre os dois sexos. Há pouco, uns manifestos, da prefeitura do Sena, anunciaram um concurso de empregados para as repartições governativas, reservado só para homens. E numas linhas mais abaixo comunicava que haveria outro concurso só para mulheres. Para defender os homens que, em igualdade de circunstâncias, eram postos *knock-out* pelas suas concorrentes, não se encontrou nada de mais radical, que não as deixar concorrer juntas. Assim, nenhum paralelo se pode estabelecer entre a inteligência de uns e de outras. Isto não significa que o nível intelectual dos estudantes seja inferior ao das suas condiscípulas, mas sim que a carreira burocrática não tem nenhum atractivo para a juventude masculina, escolhida e inteligente. O desejo de ganhos imediatos, o espírito de iniciativa, a necessidade de dar desabafo a uma actividade que confina com o *frenesí*, afastam, cada vez mais, os rapazes de uma inteligente brilhante, das carreiras burocráticas.

Ainda mesmo sem a manga de alpaca, que antigamente caracterizava o empregado público, sempre inclinado sobre a prolixa papalada, o jovem moderno foge dessa profissão, que atrai, portanto, a mulher, e demonstra o número, sempre crescente, de candidatas. Assim, a mais brilhante falange femi-



nina saída da escola de direito, encontra-se em luta com os mais mediocres representantes masculinos, da mesma geração. Como não seriam batidos, os pobres rapazes, pelas inteligentes e desembaraçadas raparigas, que têm um furioso desejo de vencer. É esta a razão que levou o governo francês a fazer este duplo concurso, na certeza de que, não sendo assim, veria as suas repartições invadidas por uma avalanche feminina, agravando, desta maneira, a tão temida crise do desemprego masculino.

As blusas

PARA o *tennis* e para o *footing* está adoptado o *sweater* de malha de seda. Damos hoje um bonito modelo em malha de seda crême, mosqueado de vermelho; a saia é numa mescla de *jersey* em vermelho e crême. O cinto, em pelica vermelha. O chapéu que acompanha esta graciosa *toilette* pode ser executado por qualquer senhora medianamente habilidosa e compõe-se de duas tiras de malha, uma crême e a outra vermelha, dispostas em turbante, formando a vermelha um laço sobre o cabelo. Estes pequenos chapéus em malha estão tendo, este ano, um enorme sucesso, justificado, pelo prático que são para o uso e, também, pela economia que representam, pois com qualquer pedaço de malha se pode fazer um chapéu engraçado, e que, em geral, fica bem às senhoras.

O chapéu

VARIA sempre, surpreendendo-nos, o chapéu. A moda anuncia os chapéus grandes e, repentinamente, encontramos diante dos chapéus pequenos, e assim, não sabemos qual o feitiço que devemos escolher e acabamos por nos resolver, por uns e por outros. E assim tem de ser. O chapéu grande tem a sua hora, o seu uso. O pequeno tem também a sua aplicação e, decididamente, nós não sabemos, muitas vezes, o que fazer, e decidimo-nos por ambos. Damos hoje um gracioso modelo em palha preta, muito pequeno e ajustado à cabeça; presta-se muito a acompanhar todo o género de

toilettes, o que é sempre para atender num chapéu, e tem uma forma que favorece todos os géneros de fisionomias. É um chapéu que é interessante na sua simplicidade, que não exclue uma requintada elegância, o que é bastante para que agrade às nossas leitoras, que possuem um apurado bom gosto.

De mulher para mulher

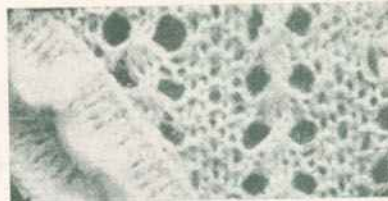
Garota—Naturalmente que, se nada, tem de usar *maillot*. Mesmo agora quem toma banhos de mar tem de os tomar assim, porque não se usam outros trajes nem são higiênicos. Os banhos de sol são muito recomendados. Não se preocupe de ficar escura; toda a gente assim fica. O preciso é fortificar-se.

Elegante—Não, minha senhora. Em Portugal, quem não toma banhos, vai para a praia com um vestido simples de manhã, em linho ou *shantung*. O pijama é só para quem vai com o fato de banho. Lá fora anda toda a gente em pijama.

Curiosa—É na verdade uma época muito própria para ler, a das férias. Aconselho-lhe os livros de Alexandre Herculano, de Garrett, de Camilo Castelo Branco, de Eça de Queiroz, de Júlio Dantas, de Aquilino Ribeiro e de Manuel Ribeiro. Não acho bem que, conhecendo tão pouco a literatura portuguesa, continue a dedicar os seus ócios aos autores estrangeiros.

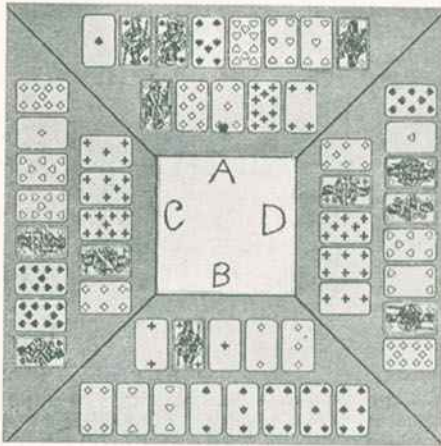
Trabalhos femininos

CADA vez se usa mais o *tricot* e o *crochet* como guarnição dos vestidos. Vêm-se algumas golinhas em lã, nestes trabalhos, do mais bonito efeito e muito graciosas. Damos hoje um vestido de veludo preto, guarnecido com uma linda golinha em *tricot* de lã branca. Para estes trabalhos deve escolher-se uma lã fininha, a *Sainte Epiu*, por exemplo, para que o trabalho apresente um aspecto de leveza, que o torne gracioso e que seja uma guarnição que não torne o vestido pesado. É um trabalho esplêndido para fazer na praia, porque é fácil de transportar, sendo pequeno, e não requiere uma grande atenção. Estamos certas que agrada às nossas leitoras, que se dedicam a este género de trabalhos e que não gostam de estar inactivas, perdendo horas preciosas, que se podem aproveitar.



BRIDGE

(Problema)



Trunfo é copas. D, faz três vasas de copas.

ANEDOTAS

— Ó homem! como estás melancólico! o que te apoquentá?

— É que tenho uma porção de dívidas, e não vejo maneira de as pagar.

— Não te rales, não sejas tolo! Basta que os teus credores se inquietem!

Filipe, rei da Macedonia, assistia a uma venda de cativos numa posição indecente. Um dos cativos notou-lhe esta falta.

— Ponham já, disse Filipe, esse homem em liberdade. Não sabia que era meu amigo.

— A vida, para mim, é um fardo pesado. Estou só no universo. Perdi os meus parentes, os meus amigos mais queridos.

— Como? Morreram todos?

— Não. Estão ricos.

Um mercador vende uma peça de pano a um amigo e este acha-a muito cara.

Responde o mercador:

— Com os amigos é que se ha de ganhar, porque os inimigos não vêm cá.



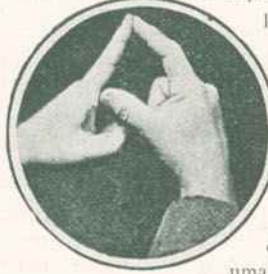
— Mãesinha, não te parece que este pobre ratinho já está suficientemente castigado, aqui há tanto tempo? Posso abrir-lhe a porta, agora? — (De « Windsor Magazine »).

FIM DE FESTA

QUEM INTRODUZIU A LINGUAGEM DOS SURDOS-MUDOS?

Foi o abade francês de l'Épée quem, no século xviii, introduziu o alfabeto dos surdos-mudos. Sempre deseioso de auxiliar o seu proximo, dedicou-se ao problema de ensinar duas raparigas surdas a compreenderem e serem compreendidas pelas pessoas normais.

Tão bom resultado obteve que a sua fama se espalhou e dentro em



pouco, possuía uma escola de sessenta alunos, sendo o seu método copiado através da França, da Inglaterra e da América.

O alfabeto dos dedos não só ajuda uma pessoa a falar com outra que seja surda e a ensiná-la, como também habilita uma pessoa muda a exprimir-se.

Nesta linguagem, os dedos representam as vogais, enquanto a maior parte das outras letras se formam mais ou menos com o feitiço que têm, como por exemplo, a letra D que a gravura representa. Com prática, podem chegar a formar-se umas 130 palavras por minuto.

DOIS VIGÁRIOS EM 100 ANOS

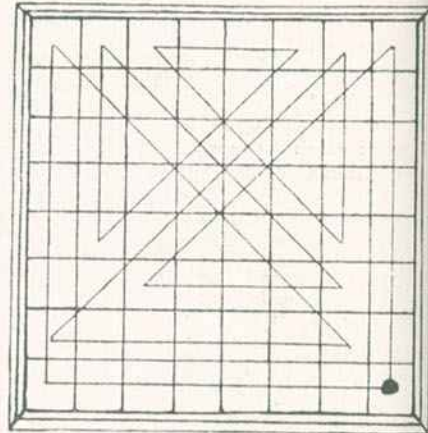
O *La Croix* refere-se ao caso da paróquia de Cier-de-Riviere, na diocese de Toulouse, que em cerca de 100 anos, só conheceu dois vigários.

A 15 de Agosto de 1833 foi designado para aquela paróquia o reverendo Besnadet que lá ficou cincoenta e dois anos. E em 1885 foi substituído

pelo reverendo Ladevése que acaba agora de a deixar ao cabo dum exercício de quarenta e cinco anos. Paróquia ferverosamente cristã; Cier-de-Riviere forneceu, no correr destes cem anos, trinta e três religiosas, uma das quais foi, em La Payge, superiora geral da Ordem das Irmãs da Cruz de Santo André; um Irmão das Escolas Cristãs e sete padres, quatro dos quais ainda exercem o ministério.

XADREZ

(Solução)

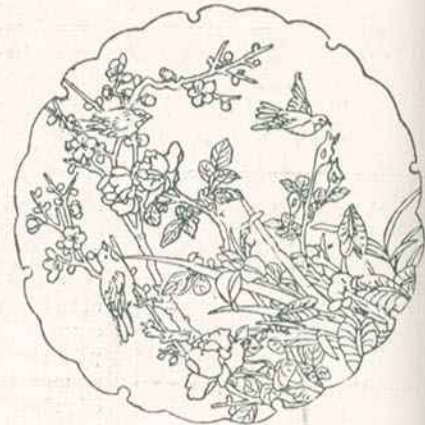


Eis a solução do problema «O Passeio da Rainha», para o caso que tínhamos considerado, isto é, o da partida da Rainha da casa da Torre do Rei e passando, em quatorze movimentos, por todas as casas do tabuleiro. Como dissémos, e agora repetimos, a solução deste interessante problema pode realizar-se partindo a Rainha, inicialmente, de quarenta e quatro casas diferentes. Há, portanto, vinte casas, que não podem servir do ponto inicial da partida para que sejam efectuadas as condições do enunciado.

OS QUATRO TRIANGULOS

(Solução)

Trata-se de recortar em desenho quatro triângulos iguais e despostos em seguida conve-



nientemente para se obter um desenho perfeito.

A gravura mostra o resultado.

O FATÍDICO 13

Versava a conversação sobre o número 13, entornar sal, pôr facas e garfos em cruz, e outras superstições do mesmo género.

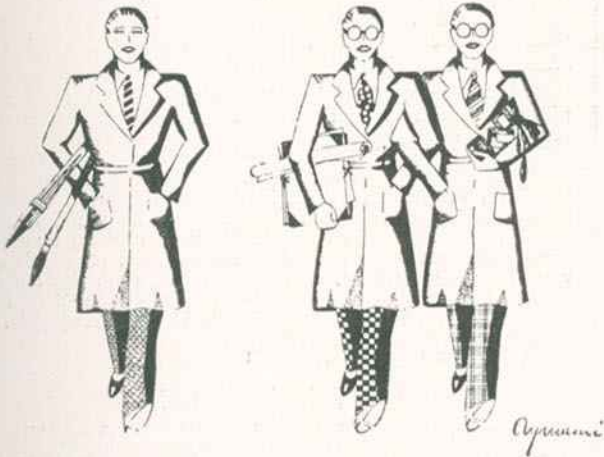
— Não se devem rir dessas crenças, observou gravemente um dos circunstantes. Eu tive um tio que, aos setenta e sete anos de idade, cometeu a imprudência de ir a um jantar onde estiveram treze pessoas à mesa...

— E aposto que ele morreu nessa mesma noite?...

— Não, senhor; mas morreu, exactamente, treze anos depois!

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1368

BERTRAND IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Acaba de sair a nova edição

A CATEDRAL

POR **BLASCO IBAÑEZ**

*Um dos mais notáveis livros da literatura
romântica contemporânea em toda a Europa*

1 volume de 338 pags., brochado . . . **10\$00**
encadernado . **14\$00**

PEDIDOS À

Livraria **BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 - LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1884

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 - LISBOA

Telefone 2 2074

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1. ^a edição), 1 vol. br.	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5. ^a edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que eu lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que eu lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (2. ^a ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2. ^a edição), Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	15\$00
ELES E ELAS — (4. ^a ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2. ^a edição), 1 volume Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6. ^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2. ^a edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5. ^a edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3. ^a edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — 2. ^a edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3. ^a edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

OU À **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

A' venda a 2.ª edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 308 págs., brochado . . . **12\$00**
Encadernado **16\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

COLECCÃO FAMILIAR

VOLUME
BROCHADO
Esc. 7\$00

P. B.

VOLUME
ENCADERNADO
Esc. 12\$00

Romances morais próprios para senhoras e meninas

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entreccho romântico sugestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escriptorio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da Vida. Em Volta dum Testamento. Pequena Rainha. Dívida de Honra. Casa de Família. Entre Espinhos e Flôres. A Estátua Velada. O Grito da Consciência. Romance de uma herdeira. Pedras Vivas.

VOLUMES NO PRELO:

Casa sem Porta. A Pupila do Coronel.

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

DICIONÁRIO

DO

Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do **Dr. Salazar Carreira**



Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensável a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com cerca de 100 págs. **7\$00**

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
— Rua da Condessa, 80, 1.ª — Lisboa —

A' venda a 3.ª edição

DE

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

AQUILINO RIBEIRO

«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias*.

1 vol. de 356 páginas { brochado . . . **12\$00**
encadernado . **16\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á

LIVRARIA BERTRAND

73 Rua Garrett, 75—LISBOA

Saiu a nova edição

**ESTUDOS SOBRE
O CASAMENTO CIVIL**POR
ALEXANDRE HERCULANO1 volume de 284 páginas | brochado 10\$00
| encadernado 14\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

NOVA EDIÇÃO

Touros de mortePOR **BLASCO IBAÑEZ***Um dos mais interessantes livros deste autor*1 volume de 384 pags., brochado **10\$00**
encadernado **14\$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA**A' venda a 9.ª edição
DE****Doida de Amor****NOVELA**por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
— Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado
10\$00
Encadernado **14\$00**Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA**A' VENDA EM TODAS
AS BOAS LIVRARIAS
A 2.ª EDIÇÃO**

DO

TOLEDO**IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES**por **ANTERO DE FIGUEIREDO**1 Volume de 226 páginas
brochado Esc. 10\$00
encadernado » 14\$00PEDIDOS AOS EDITORES
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado 28\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA**UM DOS MELHORES BRINDES****Biblioteca das Noivas**Organizada por **César de Frias****O Amor — A Mulher — O Lar***Cada volumezinho, broc. 3\$00*Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Por CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada. O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fêz o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em tôdas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

Conselhos Práticos

LIMPEZA DA PRATA

Um novo processo para a limpeza da prata:

Hipossulfito de sódio, branco de Meudon, água destilada em quantidade suficiente para fazer uma pasta clara em que se introduz uma escôva com que se esfregam os objectos que se querem limpar. Lavam-se em seguida, em água clara, e secam-se em serradura.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.^a

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português.	—	64\$50	129\$00
(Registada).	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colonias.	—	69\$00	126\$00
(Registada).	—	69\$50	135\$00
Brasil.	—	66\$00	132\$00
(Registada).	—	75\$00	150\$00
Outros países.	—	75\$00	150\$00
(Registada).	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

O MESTRE POPULAR OU O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de tôdas as inteligências e de tôdas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

CARICATURISTAS



DESENHOS ESCOLHIDOS

POR

MANUEL GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo, com 90 grandes illustrações de Bordallo Pinheiro, reproduzidas pela photogravura, além d'outras inseridas no texto. Impressão a preto e cores sobre papel couché.

Cart. 40\$00; br. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

FOR A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortóptico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

PEDIDOS A

Livraria BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Como obter ideias lucidas e clareza de espirito

POR

G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da intelligência, a falta de energia, a fraqueza de espirito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores Haig, Cantani e Lévi

1 VOLUME DE 154 PÁGINAS, BROCHADO, 7\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

BOLACHIAS

A GRANDE
M A R C A
PORTUGUESA



Variadas e
saborosissimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL

Proteja a saude de sua familia instalando
em sua casa um

GENERAL ELECTRIC Refrigerator



*A marca GENERAL
ELECTRIC é a me-
lhor garantia de boa
qualidade d'um apa-
reilho electrico*

Os alimentos sempre em perfeito
estado de conservação

Gelo, sorvetes, saladas de fruta, etc.

O armario frigorífico simplificado

Uma simples tomada de corrente
basta

O Refrigerator automaticamente
fará o resto

Concessionario geral para Portugal e Colonias

Sociedade Iberica de Construções Electricas, L.da

Praça Luiz de Camões, 36, 2.º, Dt.º - LISBOA - Telef. 2 53 47

Visitem a nossa Exposição na

Antiga casa JOSE' ALEXANDRE — Rua Garrett, 8 a 18